

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE MATEMÁTICA  
DEPARTAMENTO DE MATEMÁTICA PURA E APLICADA

Caroline Antunes da Silva

**“É MUITO FÁCIL GASTAR”: APRENDIZAGENS FINANCEIRAS DE JOVENS  
APRENDIZES COM SEUS PRIMEIROS SALÁRIOS**

**Porto Alegre**

**2015**

Caroline Antunes da Silva

**“É MUITO FÁCIL GASTAR”: APRENDIZAGENS FINANCEIRAS DE JOVENS  
APRENDIZES COM SEUS PRIMEIROS SALÁRIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Matemática Pura e Aplicada do Instituto de Matemática, como requisito parcial e obrigatório para a aprovação no Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e obtenção do grau de Licenciada em Matemática.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Helena Dória Lucas de Oliveira

**Porto Alegre**

**2015**

Caroline Antunes da Silva

**“É MUITO FÁCIL GASTAR”: APRENDIZAGENS FINANCEIRAS DE JOVENS  
APRENDIZES COM SEUS PRIMEIROS SALÁRIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Matemática Pura e Aplicada do Instituto de Matemática, como requisito parcial e obrigatório para a aprovação no Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e obtenção do grau de Licenciada em Matemática.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Helena Dória Lucas de Oliveira

**Comissão Examinadora**

---

Prof<sup>ª</sup>. Helena Dória Lucas de Oliveira

Faculdade de Educação – UFRGS

---

Prof. Francisco Egger Moellwald

Faculdade de Educação – UFRGS

---

Prof<sup>ª</sup>. Denise Maria Comerlato

Faculdade de Educação – UFRGS

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Helena por dedicar seu tempo, conhecimento e paciência para me orientar, contribuindo brilhantemente para que este estudo fosse produzido. À UFRGS pelo ensino de qualidade, possível através do trabalho de toda sua equipe de colaboradores.

Agradeço aos demais professores por contribuírem com minha formação, multiplicando o que sabem comigo e também a meus colegas. Os colegas também merecem minha gratidão por me auxiliarem tantas vezes com estudos em grupo, apoio mútuo, tornando mais divertido o caminho até o final desta graduação.

Agradeço à minha família que me ajudou sempre, com exemplos, incentivos e puxões de orelha. Agradeço especialmente aos meus pais e minha madrinha, André, Rosimary e Rita, referências em todos os sentidos. Ao Leandro, meu marido, braço direito e porto seguro, agradeço imensamente por me motivar, compreender, ajudar e torcer por mim. À minha irmã, Gabriela, por colaborar com revisões e traduções, além de me ajudar, encenando algumas vezes ser aluna, em nossas brincadeiras na infância.

Agradeço aos meus sócios e amigos, Ariane e Alex, por segurarem as pontas enquanto eu estava exausta, mantendo o bom humor e me apoiando quando precisava me dedicar para concluir esta produção, mesmo com muito trabalho a ser feito.

Agradeço às colegas professoras que trabalharam comigo durante os últimos cinco anos, principalmente, as que estavam em contato com os mesmos jovens que pesquisei, por terem contribuído com minha experiência profissional e pessoal.

Agradeço aos entrevistados, ex-alunos queridos, por terem dividido comigo suas ideias, relatos e opiniões, colaborando tanto com o estudo, quanto com minha formação.

Agradeço às sincronicidades do universo que tornaram o desenvolvimento deste trabalho mais agradável. Às ajudas que recebi, mesmo que nem sempre soubesse exatamente de onde vieram. Percebi-as e agradeço sinceramente.

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso investiga quais aprendizagens financeiras são produzidas quando jovens de 15 a 17 anos são contratados por empresas, participando do Programa Jovem Aprendiz, e vivenciam a experiência de ter seus primeiros salários. Analiso o contexto cultural no qual a juventude brasileira contemporânea está inserida e as orientações sobre o uso de dinheiro veiculadas pela literatura de Educação Financeira e pelo ambiente familiar de cada jovem. Metodologicamente, o material empírico foi produzido utilizando entrevistas *online*, realizadas com 6 jovens. Foi possível conhecer as práticas de consumo das quatro moças e dois rapazes, compreendendo que vivenciam um lazer em torno de passeios a *shoppings*, nos quais vão ao cinema, se reúnem nas praças de alimentação e realizam compras. É um lazer que gera consumo e gastos de seus salários. Suas aprendizagens e vivências financeiras apontam para: 1) a constatação de que o dinheiro recebido “some rápido”, 2) a construção de redes solidárias que garantem o lazer mesmo sem recursos, 3) a vivência de práticas de crédito diferenciadas, e 4) a compreensão das atitudes de seus responsáveis diante da gestão financeira familiar. Concluo o trabalho, reafirmando a importância do Programa Jovem Aprendiz, e refletindo sobre as implicações desses resultados na Educação Matemática das escolas de Ensino Médio e nas instituições de Ensino Profissional.

Palavras-chave: Educação Matemática, Educação Financeira, Cultura de Consumo, Entrevistas *online*.

## ABSTRACT

The following monograph investigates which kinds of financial learning are produced when teenagers from 15 to 17 years old are hired by companies through the Programa Jovem Aprendiz, and start experiencing their first salaries. I analyze the cultural context in which the contemporary Brazilian youth is inserted, and the orientations about the use of money brought up by the Financial Education literature and by the familiar environment of each one of the interviewed teenagers. Methodologically, the empirical material was constructed by online interviews with 6 teenagers. It was possible to better know the consumer practices of four girls and two boys, understanding that they experience leisure centered in shopping malls trips, where they go to the movies, get together at the food court and shop. Their experience and financial learning point out to: 1) the realizing that their income "disappear fast", 2) the making of solidary networks that assure the leisure even without financial resources, 3) the experience of alternative credit practices, and 4) the comprehension of their legal guardians' attitudes in front of the family financial management. I conclude this paper reaffirming the importance of the Programa Jovem Aprendiz and its implications on the Mathematical Education at high schools and vocational training institutions.

Keywords: Mathematical Education; Financial Education, Consumer Culture; Online Interviews

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>2. COMO APRENDER COM JOVENS QUE ESTÃO APRENDENDO A SER TRABALHADORES?</b> .....	11
2.1 DEFININDO MANEIRAS PARA APRENDER COM OS JOVENS .....	11
2.2 CONVIDANDO OS JOVENS E INICIANDO OS BATE-PAPOS .....	15
2.3 LINGUAGEM <i>ONLINE</i> E ADAPTAÇÕES .....	18
2.4 LEITURAS, RELEITURAS E ANÁLISE DOS MATERIAIS PRODUZIDOS .....	20
<b>3. JOVENS, VIVENDO E APRENDENDO A SEREM TRABALHADORES</b> .....	22
3.1 CULTURA E CONSUMO: CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIAL DO JOVEM .....	22
3.2 LAZER QUE GERA CONSUMO, COMO “O DINHEIRO SOME RÁPIDO” E AS REDES SOLIDÁRIAS.....	25
3.3 CRÉDITOS SOLIDÁRIOS E COMO “PAGUEI TUDINHO” .....	29
3.4 COMO OS RESPONSÁVEIS PASSARAM A VER SEUS FILHOS E COMO ESTES PASSARAM A SER RESPONSÁVEIS .....	35
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	44
<b>5. REFERÊNCIAS</b> .....	48
<b>6. APÊNDICES</b> .....	51
6.1 APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	51
6.2 APÊNDICE B – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS.....	53

## 1. INTRODUÇÃO

Algumas situações vivenciadas em sala de aula despertaram minha curiosidade e foram elas que me levaram a produzir este trabalho de conclusão. Trabalhei como professora de ensino profissionalizante, por quatro anos, no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC)<sup>1</sup>, da cidade de Canoas. Conheci vários grupos de jovens que foram meus alunos enquanto participavam do Programa de Aprendizagem<sup>2</sup> realizado por essa instituição. Esse Programa de ensino foi criado com embasamento na lei federal nº 10.097/2000, que regulamenta pelo decreto nº 5.598/2005 alterações dos dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

A Lei Federal determina que empresas de médio e grande porte contratem um percentual específico de funcionários como jovens Aprendizes. A esses jovens trabalhadores são assegurados todos os direitos trabalhistas regulamentados pela CLT, tendo remuneração de meio salário mínimo regional<sup>3</sup>, e trabalhando quatro horas diárias. Os Aprendizes podem ser contratados por diversas empresas e, antes de iniciarem a prática no trabalho efetivo, realizaram curso profissionalizante em alguma instituição<sup>4</sup> de ensino. Estudam conhecimentos básicos do mercado de trabalho para se prepararem melhor ao iniciar a prática em suas empresas contratantes. O contrato de trabalho inicia com o curso e depois os jovens começam a trabalhar efetivamente na empresa, mas recebem salário desde o início do Programa.

Os Programas de Aprendizagens implementados têm seus conteúdos curriculares definidos pelas instituições de ensino que o executam. O curso do Senac Canoas, realizado pelos jovens que participaram do estudo, é dividido em várias disciplinas como: Relacionamento Interpessoal, Matemática Financeira, Comunicação e Expressão, entre outras.

---

<sup>1</sup> BITELLO (2013) nos informa que o Senac foi criado em 1946 pelas empresas privadas do comércio, para que pudessem usufruir de benefícios dentro do campo de educação profissional. Esses benefícios se tornaram possíveis devido ao recolhimento de valores compulsórios pagos por essas instituições. Esse processo ocorreu com incentivo do governo federal.

<sup>2</sup> Os jovens que podem ser contratados como Aprendizes devem ter idade entre 14 e 24 anos e estar estudando no mínimo o 7º ano do Ensino Fundamental, conforme a lei. Caso o jovem não esteja estudando, só é possível trabalhar dessa forma se ele tiver concluído o Ensino Médio. Neste texto refiro-me aos jovens contratados, conforme a lei apresentada, como Aprendizes.

<sup>3</sup> O salário mínimo é definido por classes de trabalhadores. Todas as classes de trabalho, no Rio Grande do Sul, têm salários mínimos entre R\$1.006,88 e R\$ 1.276,00. Os jovens recebem o salário mínimo hora, e como realizam apenas quatro horas de trabalho diário, recebem ao final do mês meio salário mínimo.

<sup>4</sup> De acordo com o site do Ministério do Trabalho, as instituições de ensino que estão qualificadas a ministrar cursos de aprendizagem são os serviços nacionais de aprendizagem (SENAI, SENAC, SENAR, SENAT, SESCOOP), escolas técnicas de educação e entidades sem fins lucrativos, que objetivam a assistência ao adolescente e à educação profissional. Maiores informações em <[http://portal.mte.gov.br/politicas\\_juventude/aprendizagem.htm](http://portal.mte.gov.br/politicas_juventude/aprendizagem.htm)>.

A maioria das empresas contratantes desses trabalhadores, atendidas pelo Programa do Senac, estão enquadradas na categoria de comércio, devidamente registradas na Federação do Comércio de Bens e Serviços<sup>5</sup> (Fecomércio).

O que despertou minha curiosidade foram as formas com que esses jovens, na época meus alunos, lidavam com os salários que recebiam. Antes mesmo de completarem uma semana de trabalho, eles relatavam que sua nova renda já estava comprometida, completa ou parcialmente. Esses comentários mostram uma prática cultural de comprar utilizando funções de crédito, ou seja, consumindo antes para pagar depois. Os descontos legais previstos nos seus salários, como os 6% abatidos pelo benefício do pagamento do transporte pelas empresas, não eram conhecidos pelos jovens, pois se tratava da primeira renda formal deles. Além do susto desses descontos ao final do mês, os jovens iniciavam um ciclo que pode se tornar vicioso, tornando difícil sair de uma situação de endividamento, pois estão constantemente pagando o consumo presente com salários futuros.

Não era raro ouvir os alunos contando que seus pais assumiam suas dívidas, por impossibilidade de pagamento pelos mesmos. Parecia, inicialmente, uma falta de habilidade desses jovens de lidar com o salário adquirido, apesar de resolverem satisfatoriamente os problemas que envolviam dinheiro no ensino de matemática durante as aulas de suas escolas ou do curso profissionalizante.

A partir disso, como professora e licencianda de matemática, ministrando o conteúdo de matemática financeira, comecei a buscar maneiras de auxiliar nos processos de aprendizagens financeiras desses jovens. A educação financeira não era novidade para eles, pois já tinham tido contato com ela na escola, aprendiam com seus pais conceitos e formas de pensar questões financeiras e também utilizaram o dinheiro na compra de produtos e serviços.

À primeira vista, esse consumo pareceu-me ser desregulado e problemático, além de aparentar ser simples de ser resolvido: bastaria ensinar aos jovens a gastar menos do que recebem, e, dessa forma, evitar uma vida de contínuos endividamentos. Com essa preocupação, escolhi a temática: Educação Matemática e Práticas Culturais. O objetivo era pesquisar metodologias de ensino para aperfeiçoar os conhecimentos dos Aprendizes e ampliar suas aprendizagens financeiras.

---

<sup>5</sup> Fecomércio é uma instituição sindical de grau superior que integra outras entidades sindicais. Todas estão atuando na área de comércio, classificadas em um dos seguintes grupos: atacadistas, comércio varejista, agentes autônomos do comércio, comércios armazenador, turismo e hospitalidade. A Fecomércio recolhe os valores compulsórios das empresas enquadradas nessas classificações de comércio, e os reverte para os serviços do Sesc e do Senac. Maiores informações disponíveis em <<http://www.fecomercio-rs.org.br/>>.

Comecei o estudo buscando referências que pudessem colaborar para a construção de um panorama cultural contemporâneo, que descrevo no capítulo três, para compreender a atual sociedade de consumidores, da qual os jovens fazem parte. Já identificava o consumo como uma prática cultural, mas não tinha ciência das teorizações sobre consumo e sobre os mecanismos que nos levam a consumir. A partir das leituras relacionadas a esse tema, entendi que aquele pensamento simplificado de gastar menos do que se ganha e a crença em uma individualidade e capacidade autônoma de escolha do que consumir, que eu buscava estudar com os alunos, incentivando essa conduta, eu mesma não a compreendia bem. Não estou isolada socialmente e minhas escolhas de consumo não são tão livres da sociedade a qual pertença, como inicialmente conjecturei. Percebi a complexidade de pertencer a uma cultura de consumo, e o quanto isso reflete nas decisões individuais, não isoladas, de cada sujeito nela inserido, e como o ato de comprar é difícil de ser estudado. Gastar menos do que se ganha, ainda me parece importante para manter a vida financeira com equilíbrio, mas não se trata mais de algo simples ou a única maneira de se viver inserida socialmente numa cultura que incita ao consumo.

Esse momento de compreensão teórica foi muito importante, pois alterou os eixos deste trabalho. O estudo deixou de buscar ajudar esses jovens e passou a ter o como objetivo conhecer como eles utilizam o seu dinheiro. Para pensar futuramente em propostas de ensino sobre educação financeira, tornou-se fundamental conhecer como os rapazes e moças decidiram empregar os seus salários. Para tal, faz-se necessário estudar as práticas financeiras dos jovens, evitando julgamentos morais. A pergunta geradora que orientou este trabalho é a que segue:

Quais aprendizagens financeiras são produzidas quando jovens de 15 a 17<sup>6</sup> anos são contratados como Aprendizes, vivenciando sua primeira experiência de decidir o uso de seus primeiros salários?

Início a construção dessa resposta com o capítulo dois, onde discorro sobre as escolhas que fiz para desenvolver este trabalho. Detalho como contatei os jovens participantes do estudo, de que formas as conversas foram realizadas, quais adaptações metodológicas foram importantes e como analisei as respostas dos participantes.

O objetivo do terceiro capítulo foi realizar a análise do material empírico, produzido a partir das entrevistas e referências do tema. Organizei blocos analíticos para sistematizar as

---

<sup>6</sup>Os jovens que participaram deste estudo têm hoje idades de 16 ou 17 anos, porém terminaram recentemente a experiência de trabalhar durante um ano e dois meses. Sendo assim, os mais novos tinham 15 anos em 2014, quando foram contratados, e os mais velhos têm 17 anos atualmente.

ideias centrais do texto. As contribuições dos entrevistados colaboram para a compreensão da diversidade de pensamentos e atitudes, presentes na juventude contemporânea, podendo contribuir para processos de ensino-aprendizagem que oportunizem diálogo mais direto e prático com os estudantes de cursos sobre Educação Financeira.

Fechando este trabalho, no capítulo seguinte, explano considerações que relacionam teoria e prática, verificando se a pergunta geradora do estudo foi respondida. Também compartilho minha experiência ao realizar este trabalho, avaliando e indicando os aprendizados ocorridos no decorrer do desenvolvimento desta pesquisa.

## 2. COMO APRENDER COM JOVENS QUE ESTÃO APRENDENDO A SER TRABALHADORES?

Para conhecer que aprendizagens financeiras foram produzidas quando jovens de 15 a 17 anos são contratados como Aprendizes, busquei estudar os pensamentos e as ações que eles vivenciaram no período em que tinham renda própria. Assim, neste capítulo mostro como produzi o material empírico, incluindo reflexões e questionamentos que ocorreram durante o estudo. Inspirei-me na tese de Jeane da Silva (2012) para decidir o método de estudo. A autora realizou uma pesquisa com jovens soropositivos, utilizando a internet como ferramenta e ambiente de comunicação.

A produção do material empírico deste estudo ocorreu através de entrevistas realizadas *online*<sup>7</sup>, especificamente através de uma ferramenta disponibilizada pela rede social *Facebook*<sup>8</sup>, com 6 jovens. A comunicação deu-se de forma escrita, via *Facebook*, exceto no momento de registro de autorização expressa pela assinatura dos participantes e seus responsáveis no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que ocorreu de maneira presencial.

### 2.1 DEFININDO MANEIRAS PARA APRENDER COM OS JOVENS

Os jovens que viveram a experiência de trabalhar como Aprendizes não estão todos reunidos em um único local físico. Os rapazes e as moças que estão reunidos em turmas dos cursos de capacitação profissional, nas instituições responsáveis por isso, ainda não concluíram seus contratos de trabalho. Eles não passaram pelo processo completo de serem Aprendizes, e, portanto, viveram menos meses como trabalhadores do que os que encerraram seus contratos, concluindo o Programa. Como busquei conhecer que aprendizagens foram produzidas no período em que eles recebiam salário, os jovens que cumpriram todo o tempo do contrato de trabalho tiveram, no meu entender, maior experiência nas decisões relativas ao uso de seu dinheiro, já que foram por mais tempo trabalhadores remunerados. Assim, decidi por contatar os rapazes e as moças que tinham concluído seu contrato de trabalho, para

---

<sup>7</sup> Estar *Online* significa estar conectado à internet.

<sup>8</sup> O *Facebook* é uma rede social *online*, criada em 2004. Nela é possível criar perfis de identificação e interagir com outros perfis das demais pessoas cadastradas, através de compartilhamentos de texto, imagens, vídeos e conteúdos digitais variados.

convidá-los a participar do estudo, mesmo tendo a dificuldade inicial de não os encontrá-los reunidos em um mesmo local físico.

A internet, segundo Jeane Silva (2012, p. 47), é reconhecida como um “objeto, local e instrumento de pesquisa [...] cada vez mais comum”. A autora utilizou esse local virtual<sup>9</sup> em sua pesquisa, pois ele já era utilizado cotidianamente por ela e pelos participantes do seu estudo. Inspirada na pesquisa de Silva, decidi por utilizar a internet como espaço e ferramenta para contatar os jovens com os quais eu já tinha diálogo estabelecido *online* e que também eram sujeitos com as características que me propus estudar.

Como fui professora no Senac de Canoas, dando aulas para jovens que viveram a experiência de ingressar no mercado de trabalho, tenho alguns contatos estabelecidos com ex-alunos através de uma conta na rede social *Facebook* que possuo. Utilizei essa rede social para contatar os possíveis participantes do estudo. Essa conta de perfil não foi criada exclusivamente para o estudo. Ela foi criada em 2012, especificamente para contato com alunos, e foi cadastrada porque assim que iniciei minha experiência profissional percebi que a comunicação *online* era muito importante para os estudantes<sup>10</sup>.

Antes de decidir por utilizar em pesquisas ferramentas disponíveis *online*, Uwe Flick (2012, p. 163) sugere que o pesquisador se questione sobre os itens a seguir: seu gosto por realizar trabalho com computador e *online*, o quão confortável se sente trabalhando dessa forma e se tem habilidades necessárias para utilizar esse tipo de ferramenta. Caso alguma resposta seja não, talvez outro meio para produzir o material empírico seja mais indicado para o pesquisador em questão, segundo o autor. Como utilizo a internet de maneira cotidiana, tanto através do telefone celular quanto do computador, senti-me segura de aproveitar esse espaço virtual.

O uso da internet em meu estudo colaborou na comunicação com os jovens, pois eles utilizavam a internet diariamente, sendo que pessoalmente não estavam reunidos em um

---

<sup>9</sup> Segundo a versão *online* do dicionário Aurélio, virtual significa algo “que existe potencialmente e não em ação”, e “que é feito ou simulado através de meios eletrônicos”. O sentido da palavra que utilizo é o segundo, especificamente ao que é feito em publicações na internet. Disponível em <<http://www.dicionariodoaurelio.com/>>.

<sup>10</sup> Antes de decidir se me relacionaria com os alunos também pela internet, enfrentei um dilema ético: apesar de eu já ter uma conta pessoal no *Facebook*, sabia que alguns professores da instituição não aceitavam como amigos alunos em seus perfis, pois consideravam que se tratava de uma aproximação muito íntima, enquanto outros colegas não viam problema nesse contato social fora da sala de aula. Não sabia avaliar se os malefícios que poderiam gerar essa interação eram suficientes para decidir por não adicionar esses alunos, ao mesmo tempo percebia que era importante para eles esse tipo de contato. Decidi criar um perfil alternativo, específico de professora, para poder adicionar todos os alunos, postar materiais que poderiam ser interessantes para eles, e assim comunicar-me através dessa ferramenta de uma forma diferenciada.

mesmo espaço físico. Além de encontrá-los no mesmo ambiente virtual, foi desnecessário o deslocamento para realizar nossas conversas.

As desvantagens dessa modalidade de interação, segundo Flick (2012, p. 168), são a “dúvida sobre as identidades ‘reais’ (com quem estou falando), a perda do relacionamento direto com os participantes e os problemas na sondagem quanto às respostas que permanecem obscuras”. No caso deste estudo, diferentemente da pesquisa de Silva (2012), eu conhecia o grupo de jovens pessoalmente, pois tinham sido meus alunos, e sabia que eles eram quem diziam ser<sup>11</sup>. Sobre as sondagens, não tive problemas. Expliquei aos participantes que provavelmente retomaria algumas perguntas que já tinham sido respondidas por eles, caso precisasse de mais detalhes. Eles foram receptivos e, com exceção de uma entrevistada, todos responderam às dúvidas que enviei após fazer as perguntas principais. Uma desvantagem que percebi nessa escolha metodológica, foi ter contatado ex-alunos meus da disciplina de Matemática Financeira. Sabendo disso, havia a possibilidade de que eles adaptassem as respostas ao que considerariam ser a minha expectativa, por imaginar que seriam as respostas certas. Pensando nisso, enfatizei o caráter do estudo, que não tinha como objetivo avaliar o comportamento deles, e sim conhecer suas aprendizagens e práticas financeiras vivenciadas, sem julgamentos de valores, e, portanto, toda resposta apresentada era importante e não existiria resposta certa para nenhuma questão.

Após ter escolhido a internet como local para realizar o estudo, precisei escolher qual ferramenta disponível priorizar. Considerei os meios *online* de comunicação que mais utilizo, já que precisava conhecer bem a ferramenta escolhida, que foram conversas por *e-mails*<sup>12</sup>, *Facebook*, *Skype*<sup>13</sup> e *WhatsApp*<sup>14</sup>. Como meu objetivo era conversar com os jovens, busquei lembrar quais dessas ferramentas ouvia os meus ex-alunos mencionarem no período em que fui professora no Senac. O *e-mail* não era utilizado pelos jovens que conheci, pois ouvi vários deles contando que só criaram contas de *e-mails* para poder cadastrar o seu perfil no

---

<sup>11</sup> Apesar de conhecer os alunos, não posso garantir que outra pessoa que tenha o usuário e a senha do *Facebook* do perfil de algum participante não possa estar conectada à rede social, e estar respondendo como se fosse ele. Apesar de ser possível, considero pouco provável que isso aconteça, e suponho que sempre estou falando com a pessoa correta, de acordo com o perfil *online* do participante entrevistado.

<sup>12</sup> *E-mail* é uma ferramenta de comunicação online, assíncronica, que funciona de maneira similar ao sistema de cartas. No lugar das folhas das cartas, há um material digital que é enviado, e ao invés de uma caixa de correio, as pessoas possuem endereços eletrônicos, onde todos os *e-mails* recebidos e enviados são armazenados.

<sup>13</sup> *Skype* é um programa de computador que tem como função permitir o envio de mensagens instantâneas, síncrona e assincronicamente, com outras pessoas que também tenham o programa instalado no seu computador. As mensagens podem ser enviadas de maneira escrita e por chamada de voz, funcionando de maneira similar a um telefone, ou por chamada de vídeo, onde imagens e sons são enviados necessariamente de maneira simultânea.

<sup>14</sup> *WhatsApp* é um programa que funciona nos telefones celulares e permite conversar por mensagens de texto instantâneas, enviadas via internet, com outras pessoas que também tenham esse programa instalado nos seus telefones celulares.

*Facebook*, mas não conferiam se tinham recebido alguma mensagem no *e-mail*. Essa lembrança indicava que o *Facebook* era muito mais utilizado por eles. Já o *Skype* também lembrava que era mencionado, e é possível criar uma conta no *Skype* de forma sincronizada com a do *Facebook*, e supus, nesse momento inicial, que eles provavelmente conheceriam o aplicativo. O *WhatsApp* era amplamente utilizado pelos alunos.

Com essas informações, poderia escolher entre três maneiras de realizar o contato com os jovens: pelo *Facebook*, *Skype* ou *WhatsApp*. Os dois primeiros são utilizados através do uso do computador ou telefone celular e o terceiro somente pelo celular. Considerando que escrever utilizando o telefone celular seja mais difícil do que pelo computador, baseada em minhas dificuldades e por ter menor espaço para digitar as letras, descartei o *WhatsApp* para desenvolver o estudo. O *Facebook* e o *Skype* eram potenciais ferramentas.

O *Skype*, por disponibilizar ferramentas para conversa por vídeo, permite ver as expressões faciais dos entrevistados, o que contribui para uma melhor compreensão das participações deles no estudo. Contatei os jovens pelo *Facebook*, e convidei-os, perguntando se era possível realizar as entrevistas pelo programa *Skype*. Marquei seis dias e horários, para fazer entrevistas por chamada de vídeo *online*. Nenhum dos encontros ocorreu, devido a motivos variados, e não foi possível realizar as entrevistas dessa forma.

Analisando essa situação, percebi dificuldade em estabelecer a conversa sincrônica com eles. Os jovens explicaram que tiveram imprevistos, e estava difícil de remarcar com todos em horários em que eu e eles estivéssemos coincidentemente disponíveis para conversar.

Assim, mesmo correndo o risco de ter respostas abreviadas pela demora em escrever, optei por utilizar apenas a ferramenta de mensagem do *Facebook*, pois ela já estava sendo utilizada de maneira positiva na comunicação com os jovens, e provavelmente também seria eficaz para ser utilizada como ferramenta durante a entrevista.

Propus aos participantes que eu escreveria algumas perguntas, eles responderiam quanto tivessem disponibilidade, e assim que eu as lesse, enviava outras perguntas, e seguiríamos a entrevista no ritmo de cada um até concluí-la. Cinco aceitaram e uma participante pediu que eu mandasse as perguntas para que ela respondesse de uma só vez.

Perceba que do lado superior direito do quadro abaixo aparece uma imagem circulada de um telefone celular:



Mais da metade das entrevistas foi respondida pelos jovens através do uso de seus telefones celulares, portanto digitaram suas respostas por esse aparelho. Quando decidi qual programa seria utilizado, descartei o *WhatsApp* por permitir acesso apenas pelo celular, podendo dificultar a escrita. Quando verifiquei que os jovens responderam utilizando os seus celulares, percebi que a dificuldade que eu tenho de escrever no celular provavelmente eles não sentiram, pois conseguiram comunicar suas ideias e experiências. Todos responderam várias perguntas, e algumas respostas foram expressas em textos longos. De qualquer forma, alguns responderam pelo computador, então concluo que a escolha pelo *Facebook* foi adequada, pois pode ser utilizada tanto por quem se comunicou usando o computador quanto por quem preferiu o telefone celular.

Em relação aos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, Silva (2012) relata tê-los enviado por *e-mail* para que os sujeitos de sua pesquisa, todos maiores de idade, dessem concordância de participação. No caso do meu estudo, como os jovens participantes são menores de idade, os Termos precisavam ser assinados pelos seus responsáveis. Assim, para garantir que meus ex-alunos tivessem, de fato, concordância de seus responsáveis para participar do estudo, eu e minha orientadora decidimos pela assinatura presencial do Termo<sup>15</sup>. Como os rapazes e as moças moravam no município de Canoas, onde tenho residência, ou em Nova Santa Rita, município vizinho, visitei a família dos seis participantes, conversando com um responsável de cada um deles, e pedindo a assinatura do Termo, garantindo assim os princípios éticos da pesquisa.

## 2.2 CONVIDANDO OS JOVENS E INICIANDO OS BATE-PAPOS

Visando delimitar os participantes do estudo, estabeleci três critérios para convidar os jovens com os quais tenho contato via os grupos de turmas<sup>16</sup> do Senac Canoas do

<sup>15</sup> O Termo encontra-se no Apêndice A deste trabalho.

<sup>16</sup> Cada turma do Senac a que dei aula criou um grupo secreto no Facebook, restrito aos participantes da turma e aos professores, para postar informações. Faço parte atualmente de 19 grupos de turmas distintas, sendo que já faz mais de um semestre que não trabalho como professora de educação profissionalizante nessa empresa. Logo todos os alunos dessas turmas já encerraram seus contratos de trabalho, e seguem conectados por esses grupos.

*Facebook* de que faço parte. O primeiro critério foi selecionar a última turma com a qual tive contato, já que nossas relações sociais eram mais atuais. Entrei no grupo secreto (do *Facebook*) dessa turma e verifiquei que existiam 36 participantes. O segundo critério foi selecionar jovens que terminaram a etapa prática do seu contrato nas empresas, pois alguns tinham rescindido seus contratos antes do final do Programa. Após esse filtro, restaram ainda 20 participantes. O terceiro critério foi a frequência com que utilizavam a rede social. Verifiquei quantos deles haviam publicado nos últimos quatro dias algo na sua página pessoal no *Facebook*. Restaram 11 jovens para os quais fiz o convite, explicando brevemente o estudo, através da ferramenta do *Facebook* chamada mensagem<sup>17</sup>. Oito adolescentes confirmaram interesse e disponibilidade para participar da pesquisa *online*, sendo que, posteriormente, 2 não puderam seguir com a participação por motivos particulares.

Assim, o grupo ficou definido com 6 participantes, os quais tinham realizado o Programa de Aprendizagem Comercial do Senac Canoas e foram empregados como jovens Aprendizes por 13 meses, recebendo nesse período pelo menos meio salário mínimo regional, como estabelece a Lei Federal nº 10.097/2000, citada anteriormente.

Os jovens responderam às perguntas propostas utilizando a internet, assim como os participantes da pesquisa de Silva (2012). A autora utilizou o termo bate-papo para nomear as entrevistas *online* algumas vezes no seu texto, além de outras palavras. Nesse trabalho, também utilizei esse termo para me referir às entrevistas *online*, pois o ambiente virtual permitiu, e de certa forma exigiu<sup>18</sup>, que as conversas ocorressem com linguagem informal. Inspirada na autora, também elaborei um roteiro de entrevistas com blocos temáticos, com o objetivo de auxiliar no desenvolvimento da conversa com os jovens (Apêndice B). Esse roteiro não foi seguido rigorosamente. Algumas vezes, quando identificava que a entrevista poderia fluir mais naturalmente, alterava a ordem das perguntas ou formulava outra pergunta não planejada.

O roteiro foi escrito com linguagem informal, pois o objetivo era que as perguntas fossem compreendidas pelos entrevistados. Ele foi organizado em quatro blocos, descritos abaixo:

1. Conhecendo os entrevistados: os alunos se identificaram, informando dados relativos à idade, constituição familiar, trabalho e lazer.

---

<sup>17</sup> A mensagem é uma ferramenta privada. É possível enviar mensagens que só as pessoas selecionadas recebam, e seus amigos na rede não tenham acesso à ela. Nesse caso, apenas os 11 jovens receberam a mensagem. Funciona de forma similar a de envio de *e-mail* para 11 destinatários.

<sup>18</sup> Explicarei no decorrer deste capítulo o sentido da exigência de uma linguagem informal nas entrevistas.

2. Práticas de Consumo antes de ter renda própria formal: as perguntas foram direcionadas às experiências financeiras que os participantes tinham antes de ter renda, para verificar se recebiam mesada e como se dava o seu consumo, considerando o controle dos seus responsáveis.

3. Práticas de Consumo após ter renda própria formal: os entrevistados foram convidados a descrever como lidaram com os seus salários ao começarem a trabalhar.

4. Refletindo sobre essa experiência: esse último bloco foi de análise por parte do jovem sobre todo o processo que passou ao ser trabalhador, relatando como ele se vê depois dessa experiência, considerando os “entrevistados como especialistas e teóricos de si mesmos” (FLICK, 2012, p.115).

Segui o roteiro e os quatro blocos, considerando que

Rigor e flexibilidade andam juntos na pesquisa qualitativa, porque o excesso de rigidez deve ser corrigido ou equilibrado com a flexibilidade, assim como o excesso de flexibilidade tem que ser corrigido com o tensionamento justo. (MACEDO, GALEFFI, PIMENTEL, 2009, p.38).

As entrevistas ocorreram de forma sincrônica em alguns momentos e assíncronica em outros, como Flick (2012) indicou ser possível de ocorrer em entrevistas *online*. Utilizando a ferramenta de mensagem da rede social eventualmente eu enviava perguntas e o participante desconectava-se da internet. Assim, a mensagem continuava na sua caixa de entrada, e quando voltava a ficar *online*, ele lia essa pergunta e enviava-me a resposta.

Quando precisava de mais detalhes nas respostas enviadas, fazia novas perguntas, iniciando a frase com algo escrito pelo participante anteriormente, pedindo que escrevesse mais sobre aquele ponto, mas sem expressar opiniões sobre as respostas dadas. Estive na posição de leitora, interferindo o mínimo e buscando não interromper suas respostas.

A meu pedido, cada jovem escolheu um nome, diferente do nome de registro, para identificá-lo neste trabalho e garantir o anonimato necessário, assegurando que o participante não seja exposto. Dessa forma não utilizei diferenciações numéricas ou impessoais<sup>19</sup> para identificar cada participante, seguindo o que o autor Graham Gibbs (2009, p. 30-31) indica ser mais adequado.

No quadro abaixo, sintetizo algumas informações dos jovens:

---

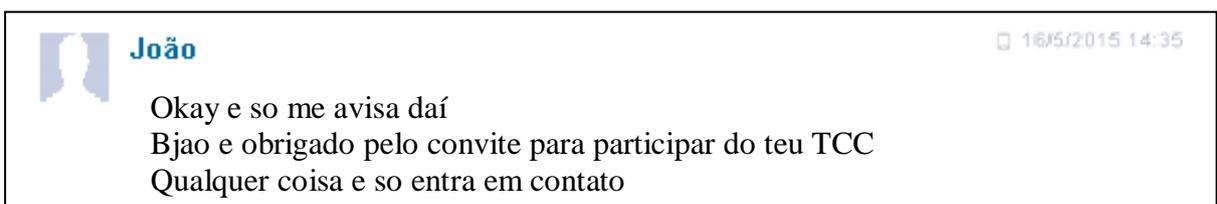
<sup>19</sup> Como, por exemplo, entrevistado um, entrevistado dois, e assim por diante.

Quadro de Identificação			
Participante	Idade	Quantidade de pessoas que moram na casa	Escolaridade (Ensino Médio)
Ana	17	3: mora com o pai e a mãe	Cursando 3º ano
Jack	17	5: mora com a mãe, a tia e duas irmãs	Cursando 1º ano
João	16	6: mora com o pai, a madrasta, a irmã e os dois irmãos	Cursando 2º ano
Mariana	16	5: mora com a família do seu namorado	Cursando 3º ano
Manuella	16	4: mora com o pai, a mãe e a irmã	Cursando 3º ano
Vitória	16	6: mora com o pai, a mãe e os três irmãos	Cursando 3º ano

Em média, metade dos integrantes das famílias dos jovens tem renda própria, sendo que suas famílias são compostas por de 3 a 6 pessoas. Todos os participantes tiveram seus contratos finalizados em março. Durante este estudo<sup>20</sup>, 4 jovens não tinham novo emprego e João e Mariana conseguiram reposicionar-se no mercado de trabalho rapidamente. João trabalhava informalmente como monitor e animador de festas, e estava em processo de contratação para ser estagiário, e Mariana trabalhava em um escritório.

### 2.3 LINGUAGEM *ONLINE* E ADAPTAÇÕES

A comunicação utilizando a internet ocorre através de regras diferentes das normas cultas do português. No diálogo com os jovens, via *Facebook*, optei por utilizar esse tipo de comunicação para facilitar a linguagem, usando termos próximos aos que eles usavam *online* e tornando a conversa mais coloquial e informal. Algumas expressões que geralmente são apenas faladas, nesse diálogo foram escritas, outras palavras tiveram algumas letras suprimidas na escrita e pontuações foram pouco usadas.



<sup>20</sup> Refiro-me a maio de 2015.

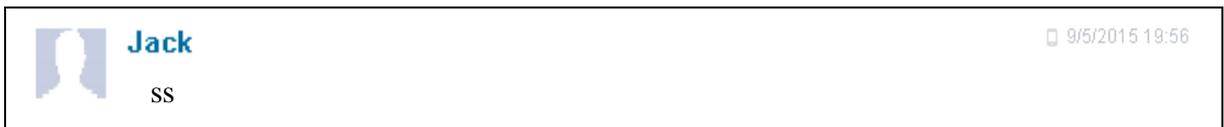
Reescrevendo as frases, temos:

Manuella: Sim, pode ser sim.

João: Certo, é só me avisar então. Beijão, e obrigado pelo convite de participar do teu TCC. Qualquer coisa é só entrar em contato.

Neste trabalho, apresentarei as falas dos Aprendizes utilizando quadros como os apresentados no texto, com ícones diferentes para os rapazes e as moças, no lugar da foto deles, como é o formato original nas mensagens do *Facebook*.

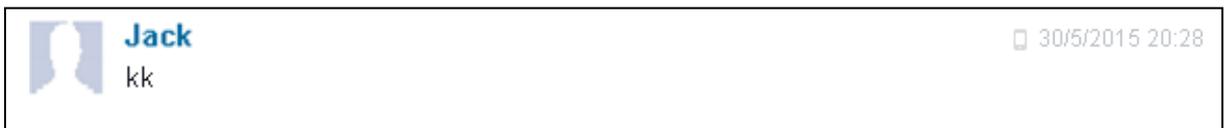
Aprendi e precisei lidar com abreviações usadas nessa comunicação instantânea. Compreendendo algumas reduções, como a expressão “dnd” para “de nada” e “ss” para “sim”, procurei também utilizá-las de forma parecida em minha comunicação com eles.



A seguir, apresento as palavras reduzidas que utilizei:

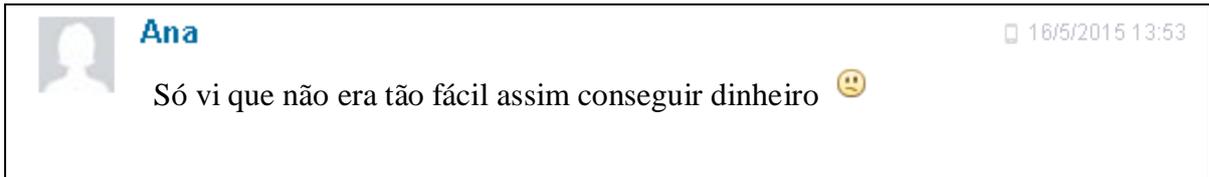
- vc: você.
- pq: porque.
- kkkk: risada.
- blz: beleza, entendido.
- n: não.

As risadas também são expressas pelos jovens em suas escritas, de formas variadas, como seguem:





Em suas escritas, também aparecem os chamados *emoticons*, imagens que retratam o sentimento envolvido para auxiliar na comunicação, como faz Ana, desejando expressar a tristeza que sentiu ao perceber que não era fácil conseguir dinheiro.



A escrita original dos jovens se apresenta em uma linguagem própria da internet, podendo ser de difícil compreensão neste trabalho, principalmente por estarem aqui apenas recortes dela, sem as frases anteriores e as seguintes. Ao refletir sobre o modo de apresentar neste trabalho as escritas dos jovens, recordei-me de uma experiência pessoal, quando fui entrevistada por uma pesquisadora.

A entrevista de que participei foi feita através de gravação de voz. Quando li o trabalho publicado e identifiquei minha fala entre as participantes, senti-me constrangida. Minha fala parecia repetindo muitas palavras, com frases em um formato inadequado para a escrita. Lembro que o texto estava confuso, sendo difícil de compreender aquelas frases, mesmo sendo minhas. Meu nome não estava publicado, mas de igual forma, senti-me envergonhada de ver minha intervenção escrita e publicada daquela maneira.

Pensando nisso, e apoiada também em outras leituras, neste trabalho apresento os textos dos jovens reescritos, sem alterar o sentido e acrescentando pontuação, para melhorar a compreensão dos leitores.

#### 2.4 LEITURAS, RELEITURAS E ANÁLISE DOS MATERIAIS PRODUZIDOS

Assim que as entrevistas foram realizadas, iniciei o procedimento de sistematizar e organizar as respostas, para analisá-las e apresentá-las neste trabalho. As respostas foram escritas e salvas dentro da caixa de entradas das mensagens do *Facebook*, separadas de acordo com o autor das respostas.

Para visualizar as respostas de outra maneira, criei uma tabela com as contribuições e ideias centrais apresentadas pelos jovens. Na primeira coluna da tabela constava a letra inicial dos nomes reais dos participantes por linha, e, na coluna ao lado, escrevi os nomes escolhidos

por eles para serem divulgados no trabalho. Dessa forma, fui me habituando a pensar, falar e escrever as respostas deles de maneira que eu as associasse aos nomes escolhidos, para garantir o sigilo que protege os participantes do estudo de qualquer exposição. Assim que identifiquei as linhas, criei outras colunas com títulos que descrevia as ideias principais obtidas através das respostas deles, e, em cada linha, coloquei falas literais, entre aspas, ou resumos das ideias que expuseram sobre o assunto da coluna identificada.

Criei quatro tabelas com essas características, cada uma referindo-se a um dos blocos de perguntas da entrevista. Assim, obtive uma organização que me permitia a visualização do conjunto dos depoimentos dos jovens, o que facilitava o procedimento de comparação, de busca de pontos em comuns, diferenciações entre as experiências e aprendizados dos participantes. Essa organização panorâmica do material empírico também me permitiu identificar pontos que poderiam ser mais bem esclarecidos com os Aprendizes. Então, elaborava perguntas adicionais e individuais a alguns jovens, objetivando compreender melhor as respostas anteriores e aprofundar as análises sobre o material.

Além dessas quatro tabelas, criei um documento de texto onde organizei as falas de cada participante, com seus nomes escolhidos. Imprimi esse texto e recortei cada resposta com sua respectiva pergunta. Com esses recortes impressos, era possível juntar respostas parecidas, mudar de lugar as frases, comparar duas a duas, enfim, manipular fisicamente o material empírico, buscando uma produtiva análise.

À medida que comecei a identificar os blocos analíticos centrais, procurava outras informações nas tabelas, outras vezes nas folhas, e ainda outras vezes voltava à caixa de entrada das mensagens do *Facebook*, onde as respostas estavam armazenadas no seu formato original, para esclarecer eventuais dúvidas e focar melhor a análise. Ler e manusear o material empírico também me fazia ir ao referencial teórico, buscar autores e reler textos. A partir de então, fui construindo o capítulo de análise que segue.

### **3. JOVENS, VIVENDO E APRENDENDO A SEREM TRABALHADORES**

Neste capítulo organizo as contribuições dos jovens de maneira articulada com o referencial teórico. O objetivo é conhecer o que os entrevistados viveram e aprenderam no período em que eram trabalhadores remunerados, analisando essas informações a partir de leituras de textos de diversos autores.

A primeira parte do capítulo busca contextualizar na sociedade a qual o jovem está inserido, especificamente definindo os conceitos de cultura e consumo. A compra ocorre em um contexto cultural. O indivíduo não está privado de exercer sua escolha, mas precisa-se considerar que esse sujeito vive inserido em uma sociedade, relacionando-se com várias outros, direta ou indiretamente, através de plataformas de comunicações diversas. Assim, não há como desconsiderar os efeitos que os comportamentos de outros produzem em determinado indivíduo que compra algum item ou serviço.

A próxima parte do capítulo relaciona os lazeres descritos pelos jovens com o consumo gerado por eles. As atividades praticadas por eles são apresentadas e detalhadas, buscando o consumo associado e a relação social estabelecida com seus amigos e familiares. Os familiares são também citados na etapa seguinte do capítulo, onde o crédito solidário, vivido pelos Aprendizes, é mencionado. Esse trecho explica como a experiência de crédito é possível, uma vez que, por serem menores de idade, os jovens não conseguem assumir créditos formais nos bancos ou realizar compras com crediários das lojas de que consomem.

O último bloco apresenta mudanças comportamentais dos jovens, que passaram a se considerar mais responsáveis após terem sido trabalhadores. Algumas análises dessas mudanças de postura com a fala dos adultos da família desses jovens também são apresentadas.

#### **3.1 CULTURA E CONSUMO: CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIAL DO JOVEM**

O termo cultura é amplo e já teve várias conceitualizações ao longo do tempo, por diferentes correntes teóricas. Já significou, em contextos específicos, erudição e tradições elitistas. A partir do século XX, massas populacionais passaram a ser contempladas pelo termo (COSTA, SILVEIRA, SOMMER, 2003). Assim, emerge o estudo de diferentes culturas, como a cultura surda, a cultura infantil, a cultura popular, entre muitas outras. Gérard Durozoi e André Reussel (2005, p. 115-116) definem em seu Dicionário de Filosofia a cultura

como sendo o “conjunto das tradições, técnicas e instituições que caracterizam um grupo humano”, não se referindo ao indivíduo pertencente ao grupo de maneira individual, e sim ao grupo como um todo, enfatizando padrões de comportamentos. Bauman (2010a, p.33) afirma que “a cultura de hoje é feita de ofertas, não de normas”. Ou seja, nessa perspectiva, não estamos vivendo em uma cultura que dita regras, que tem exigências sociais; mas, sim, que oferece possibilidades com características de ofertas atrativas e persuasivas. Oferecendo opções e não impondo, é garantida a possibilidade de escolha do indivíduo. Dessa forma, fica assegurada “a responsabilidade, companheira inseparável da livre escolha [...], a cargo do *indivíduo*, apontado hoje como único administrador da política da vida” (ibidem, grifo do autor).

Pela perspectiva dos Estudos Culturais, cultura seria “o campo de luta entre diferentes grupos sociais em torno da significação” (SILVA, 2000, p. 31). Dessa forma entende-se que há disputas, nas sociedades, por significar aspectos e diferentes práticas da vida. Há condutas, comportamentos, práticas tão enraizadas em nossa forma de viver, que são tidas como naturais e comuns a todos os indivíduos. Para os Estudos Culturais, essas condutas, comportamentos e práticas são culturais, são aprendidas na cultura, nesse espaço de luta pela atribuição de significados.

Neste trabalho, a cultura é entendida de acordo com o que Bauman (2010a) e Silva (2000) definem em suas produções. Os sujeitos da sociedade contemporânea brasileira vivem uma cultura que incita, estimula, instiga alguns padrões, que se transformam pela interação social e pelas disputas de significados.

Canclini retrata o consumo como (2008, p. 60)

o conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos. Essa caracterização ajuda a enxergar os atos pelos quais consumimos como algo mais do que simples exercício de gastos, caprichos e compras irrefletidas, segundo os julgamentos moralistas; ou atitudes individualistas, tal como costumam ser explorados pelas pesquisas de mercado.

Dessa forma, podemos observar que o ato de decidir comprar um produto é uma ação mais complexa do que uma escolha individual. Canclini argumenta que a cultura age antes do momento de compra. Os produtos que compramos vão definir os modos de sermos aceitos em um determinado grupo social e, ao mesmo tempo, de nos diferenciarmos dentro dele. Não se trata apenas de ser dono de um produto ou de ter a experiência de um serviço; mas, sim, de nos consolidarmos diante da imagem que queremos construir, solidificando nossa identidade social, de maneira que possamos nos sentir pertencentes aos grupos e aos locais pelos quais transitamos.

Apesar de servirem também como diferenciação, confirmando nossa identidade, os significados culturais atribuídos aos produtos comprados não estão restritos a uma classe social, pois “um carro importado ou um computador com novas funções distinguem os seus poucos proprietários visto que quem não possui-los conhece o seu significado sociocultural” (CANCLINI, 2008, p. 63). A posse de um produto pode diferenciar quem o tem, mas o significado atribuído a esse item não está presente apenas entre os seus donos. Se assim o fosse, o *status* atribuído à posse seria desqualificado, pois não teria amplo reconhecimento. Independentemente da classe social do receptor dessa mensagem, o proprietário comunica a mesma informação ao utilizar seu bem, e, baseado nisso, Canclini (2008, p. 63, grifo do autor) conclui que no “consumo se constrói parte da *racionalidade integrativa e comunicativa de uma sociedade*”, pois, apesar do produto poder diferenciar o seu dono, a comunicação é realizada de maneira integradora.

A humanidade já viveu sem celulares, computadores, roupas de marcas específicas, equipamentos para esporte, carros, entre outros produtos. Todos esses itens podem ser considerados desnecessários à sobrevivência biológica da espécie humana, porém, a sociedade tal qual a conhecemos na atualidade, não resistiria à exclusão desses produtos repentinamente. O consumo faz parte da cultura que vivemos hoje (Bauman, 2008). Além de incentivar o consumo, reforçando e aplaudindo-o, a sociedade contemporânea exclui os sujeitos que não consomem, tidos como indesejáveis. Os clientes classificados como não quistos pelas empresas não são os inadimplentes, e sim os que consomem em proporções menores. Os clientes inadimplentes, os que não pagaram suas dívidas, são convidados a renegociarem seus débitos e a seguir consumindo com afinco. Bauman (2008, p.76) constata que

Os membros da sociedade de consumidores são eles próprios mercadorias de consumo, e é essa qualidade de ser mercadoria de consumo que os torna membros autênticos dessa sociedade. Tornar-se e continuar sendo mercadoria vendável é o mais poderoso motivo de preocupação do consumidor, mesmo que em geral latente e quase nunca consciente.

A constatação de Bauman tem implicações sobre o lazer, o consumo, o trabalho e as aprendizagens dos jovens deste estudo. Com pequena experiência de vida, encantados com a oportunidade de um primeiro emprego e ainda sob os cuidados financeiros de suas famílias, esses jovens, além de aprendizagens, podem construir um histórico de inadimplência ou desenvolver um dos padrões de consumo identificados por Gustavo Cerbasi (2013, p. 27-29)

como: poupadores, gastadores, descontrolados, desligados e financistas<sup>21</sup>. Este capítulo continua, examinando os modos que jovens Aprendizizes convivem com seus primeiros salários.

### 3.2 LAZER QUE GERA CONSUMO, COMO “O DINHEIRO SOME RÁPIDO” E AS REDES SOLIDÁRIAS

Nos horários livres os jovens gostam de ficar na companhia de seus amigos, familiares e namorado ou namorada, além de fazer outras diversas atividades, como utilizar seus telefones celulares, assistir filmes e ler livros. Essas atividades estão entrelaçadas com o consumo, pois para realizá-las é necessário adquirir materiais de estudo (caneta, lápis, caderno), os ingressos para cinema, novos jogos, livros, telefones celulares e vídeo games. Manuella afirmou que a compra de outro aparelho celular era importante para ela, contando que

 **Manuella**  
Queria trocar de celular e meus pais não podiam [comprar]. Daí, quando comecei a trabalhar, [eu mesma] comprei.

Vitória, Mariana e Ana também compraram telefones celulares novos com seus salários. Os participantes do estudo utilizaram em diversos momentos os celulares como meio de comunicação e acesso ao *Facebook*, como já descrevi no capítulo anterior. Também indicaram que “mexer no celular” é um dos seus lazeres. Gisela Taschner (2000) faz uma análise histórica examinando os elos entre lazer, cultura e consumo nos países ocidentais. De acordo com a autora, os laços entre lazer e consumo tendem a se estreitar, uma vez que consumir passa a ser menos direcionado a produtos tangíveis e mais a consumo de emoções. A internet é citada pela autora como “interativa [...] pelo fato de haver uma relação muito mais equilibrada entre o número de pessoas que se manifesta e o número de pessoas que vê/lê/ouve” (idem, p 46).

Nessa direção, é possível perceber que esse lazer de utilizar o telefone celular gera consumo, e que, como os jovens acessam a internet por esse aparelho eletrônico, eles estão

<sup>21</sup> Poupadores e financistas pensam mais no futuro, o primeiro economizando sempre que pode, mesmo que comprometa seu padrão de vida atual, e o segundo planejando de forma mais minuciosa, contemplando o presente dentro de controles rígidos e tendo metas futuras definidas. Já os gastadores e os descontrolados têm o presente como o principal tempo, o primeiro gastando tudo, e às vezes um pouco além da sua renda mensal, enquanto que o segundo nem sabe ao certo quando e onde gastou sua renda, parecendo que o salário dura cada vez menos tempo. Os desligados não organizam suas receitas, nem mesmo suas contas, e vivem com o dinheiro que têm no presente (CERBASI, 2013, p. 27-29).

em contato com esse espaço virtual inovador a que Taschner se refere, experimentando a inversão entre a quantidade de comunicadores nessa rede e os que têm acesso às informações.

Esse lazer gera não só consumo a partir do investimento dos novos salários nesse tipo de compra, como também está causando uma mudança significativa nas estruturas de comunicação, abrindo “possibilidades para eventuais formas ‘não alienadas’ de lazer, comunicação e consumo” (TASCHNER, 2000, p. 46, grifos da autora).

Outro lazer vivenciado pelos jovens é frequentar *shoppings*. O mais próximo e frequentado por eles é o Shopping Canoas<sup>22</sup>. As atividades que os jovens mencionaram realizar no *shopping* são: assistir filmes no cinema, pagar contas, “dar voltas”<sup>23</sup>, ver vitrines e comprar (sem definir exatamente o quê, dependendo do que precisam). A companhia nesse passeio depende do que irão fazer. Quando saem para realizar compras, geralmente vão acompanhados de algum adulto responsável. Quando vão ao cinema, quem os acompanha são amigos, namorada ou namorado.

O *shopping* Canoas divulga atualmente no seu site<sup>24</sup> três chamadas principais de propagandas:

- Para fazer bonito nas suas fotos, mudamos o visual.
- Um happy hour<sup>25</sup> em sintonia com tudo o que você mais gosta
- Dobradinha: almoce aqui e estacione *FREE*<sup>26</sup> [gratuitamente]

Essas chamadas fazem referência à praça de alimentação e a um ambiente que foi alterado, citando também a possibilidade de fazer fotos, precisamente para atrair o público juvenil que muito tem utilizado os telefones celulares para esse fim. Entre os jovens entrevistados, apesar da ida ao *shopping* não ser cotidiana para a maioria deles, todos indicaram o consumo na praça de alimentação como uma atividade básica nesse ambiente. Assim, a chamada publicitária desse *shopping* faz sentido para os jovens e está relacionada com o que Taschner (2000) afirma. Segundo a autora “os *shopping centers* ‘de verdade’ – ícones contemporâneos do consumo – tenderão a ser usados principalmente para atividades de lazer e correlatas” (idem, p. 45, grifos da autora).

Alimentar-se, de acordo com Angelina Nascimento (2007), representa mais do que realizar uma ação necessária para a sobrevivência, tornou-se uma instituição social. Ela

<sup>22</sup> O Shopping Canoas foi inaugurado em 29 de abril, de 1998. Hoje opera com 220 lojas e ampla praça de alimentação. Mensalmente, o estabelecimento recebe em torno de um milhão de consumidores.

<sup>23</sup> O termo “dar voltas” significa caminhar com os amigos pelos corredores do *shopping*.

<sup>24</sup> O site do *shopping* de Canoas é <<http://www.canoasshopping.com.br/>>, divulgando em destaque as propagandas citadas.

<sup>25</sup> Happy hour é um termo em inglês que se refere ao período do dia, ao final do expediente de trabalho, quando os colegas saem das empresas e se reúnem em bares e restaurantes para confraternizar.

<sup>26</sup> *FREE* é um termo em inglês que significa, neste contexto, gratuito.

explica que “o prazer de comer estimula e desdobra-se no prazer de interagir, na medida em que é instrumento de comunicação e, conseqüentemente, de agregação” (idem, p. 53). Nesse sentido, consumir alimentos na praça de alimentação de um *shopping* articula-se à sociabilidade desses jovens, já que as refeições também têm caráter social. Logo, a proposta do *shopping* de chamar a atenção do público para o consumo de alimentos é exitosa, pois converge com o que esses jovens consideraram ser o básico a ser feito num momento de lazer nos *shoppings*.

Os jovens mencionaram que outros produtos muito comprados foram roupas. Nenhum deles disse preferir alguma marca. Eles decidem o que comprar a partir dos modelos que gostam, algumas vezes procurando em várias lojas para conseguir preços mais acessíveis, outras vezes comprando na primeira loja que entram, por gostar de uma peça disponível nesse local. Vitória foi a única a dizer que gostava de comprar em uma loja específica, a saber, Lojas Renner<sup>27</sup>.

Ricardo Rocha e Rodney Vergili (2004) detalham no seu livro *Esticando a Mesada*, o que chamaram de dez mandamentos do jovem consumidor, sendo que um deles é referente a produtos de grifes. Eles recomendam que o jovem opte por outros produtos, que não sejam de grifes, pois os valores desse tipo de mercadorias poderiam chegar a custar o dobro do preço considerado justo, apenas por estampar a logomarca. A prática de compras dos Aprendizes deste estudo converge com a recomendação dos autores, pois afirmam que não consideram como fundamental a marca do produto escolhido.

O salário dos participantes, que em média era de R\$ 403,00 líquidos, sem considerar o pagamento do transporte<sup>28</sup>, era recebido no início do mês e gasto integralmente antes de terminar o mês em curso e, portanto, de receber o próximo. Essa foi a afirmação de todos os Aprendizes, inclusive de Jack, autor de parte do título deste bloco, que afirmou que seu dinheiro “sumia” muito rápido. Manuella e Mariana relataram quantos dias em média duravam seus salários:

	<b>Manuella</b>	[o salário] Geralmente terminava uns dois dias depois de ter recebido.
---	-----------------	--

<sup>27</sup> Renner é uma loja de roupas fundada em 1922 e possui fábrica própria em Porto Alegre. O seu slogan “Você tem seu estilo, a Renner tem todos” reflete a proposta da loja, que tem produtos agrupados de acordo com um dos cinco estilos de roupas oferecidos. Esses são criados a partir dos estilos de vida dos clientes da loja: esportivo, formal, entre outros.

<sup>28</sup> O pagamento do transporte era feito pelo cartão TEU, que é um bilhete eletrônico que arrecada automaticamente a passagem de ônibus. As empresas depositam valores nesse cartão, que só funciona nos ônibus, e os jovens utilizam uma passagem por viagem realizada.



**Mariana**

[é] Difícil esperar em torno de trinta dias para receber [o salário], e em dez dias [ele] já acabar.

Mas, apesar do salário terminar antes do final do mês, os jovens seguiam saindo com seus amigos devido à rede solidária que construíram. Eles relataram que muitos dos seus amigos também trabalhavam, e apesar de todos terem renda própria, eventualmente algum deles não tinha dinheiro para sair. Isso não era um empecilho para o grupo, pois um, ou todos, de maneira alternada, arcava com os custos de quem não poderia pagar seu consumo, para que pudessem sair todos juntos. Isso acontecia quando eles também passavam por essa situação. Apenas Ana afirmou não realizar essa prática. Ela escreve que quando seu dinheiro acabava antes, seu pai poderia lhe dar mais dinheiro, bastando pedir. Nesse sentido, a falta de dinheiro não impedia aos jovens de participarem dos programas de lazer com seus grupos de amigos.

João informou para quem ele geralmente pagava consumos:



**João**

A pessoa [para quem], com mais frequência, eu pagava as coisas era minha namorada, mesmo ela não gostando da ideia, porém fazia isso porque me agradava e por educação.

Jack também contou que o primeiro gasto que teve, antes mesmo de receber seu primeiro salário, foi um presente para a sua namorada. É interessante perceber que as demais participantes deste estudo são moças, e nenhuma delas falou de gastos com presentes ou saídas com o namorado. Já os rapazes relataram realizar essa prática, e João também considerou que assumir a conta do consumo dessa saída dos dois é uma atitude educada<sup>29</sup>.

Nesse ato de emprestar e pedir emprestado, os jovens estreitam laços com seus amigos e familiares, ajudando-se mutuamente quando precisam. Eles relatam que não se sentem mal quando o seu dinheiro termina, pois já pagaram suas contas mensais<sup>30</sup>. Então, quando o dinheiro acaba, eles não possuem nenhuma parcela atrasada, e suas saídas com amigos estão garantidas pela rede solidária que vivenciam.

<sup>29</sup>Nesses trechos das conversas que tive com os meninos, percebo um grande potencial de análise de gênero, porém a abrangência deste trabalho não possibilita aprofundar essas reflexões.

<sup>30</sup>Explico quais são essas dívidas que eles possuem no decorrer deste capítulo.

### 3.3 CRÉDITOS SOLIDÁRIOS E COMO “PAGUEI TUDINHO”

Com exceção de Vitória, todos os demais participantes tinham contas bancárias. As empresas, ao contratarem jovens aprendizes, geralmente solicitam que eles abram uma conta bancária para facilitar o pagamento do salário. Os jovens Aprendizes deste estudo relataram que utilizam a conta para receber o salário, sacando o valor total nos caixas e, algumas vezes, realizavam pagamentos com o cartão de débito. Dessa forma, aprenderam os procedimentos bancários necessários para realizar tais funções de movimentação de conta. Apesar de utilizar o cartão de débito, nenhum deles possuía cartão de crédito. Esse fato não impediu nenhum dos jovens de realizar compras utilizando o crédito, mesmo sem nenhum deles ter cartão de crédito ou crediário nas lojas. Os adultos próximos aos jovens colaboravam com suas experiências de compras, oportunizando a eles realizar pagamento utilizando a opção de crédito algumas vezes. Ana conta que:



**Ana**  
[...] por ser menor, não podia abrir crédito.

Quando Ana queria comprar algo parcelado em algumas lojas, precisava que outra pessoa maior de idade realizasse a compra. Depois, ela negociava os pagamentos com essa pessoa de maneira informal. Os adultos que formalizavam essas compras eram parentes dos jovens e geralmente moravam na mesma casa ou eram muito próximos, como a avó de Ana e a tia de Manuella.

Jack contou que antes de receber seu primeiro salário, não hesitou em comprar um presente para sua namorada em nome de um responsável, para pagar quando recebesse. Como ele o fez, teve conhecimento de que outros jovens<sup>31</sup> também o fizeram e, se contarem com o valor do salário total bruto informado nas empresas, terminarão o primeiro mês devendo dinheiro, pois antes de receberem o dinheiro do salário são aplicados descontos por suas empresas, previstos legalmente, como transporte e INSS, o que faz com que recebam de salário líquido um valor inferior ao informado.

Os jovens também informaram que seus responsáveis não utilizavam cartões de crédito, tendo por hábito utilizar os crediários das lojas. No seu livro *Vida a Crédito*, Baumam (2010b, p. 28-29, grifos do autor) conta sobre o início do uso dos cartões de créditos:

---

<sup>31</sup> Esses jovens que também realizaram compras a crédito antes de receber o primeiro salário não são os demais entrevistados. Entre os seis, apenas o Jack relatou ter realizado essa prática. Os jovens que conheci que agiram dessa forma foram meus alunos em outras turmas do Senac, e não participaram dessas entrevistas.

A introdução dos cartões de crédito foi um sinal do que viria a seguir. Foram lançados ‘no mercado’ cerca de 30 anos atrás, com slogan exaustivo e extremamente sedutor de ‘Não adie a realização do seu desejo’. Você deseja alguma coisa, mas não ganha o suficiente para adquiri-la? Nos velhos tempos, felizmente passados e esquecidos, era preciso adiar a satisfação [...]: apertar o cinto, privar-se de certas alegrias, gastar com prudência e frugalidade, colocar o dinheiro economizado na caderneta de poupança e ter esperança, com cuidado e paciência, de conseguir juntar o suficiente para transformar os sonhos em realidade.

Apesar dos jovens e de seus responsáveis não utilizarem cartões de crédito como os mencionados por Bauman, para suas compras, a praticidade do crédito é a mesma que o autor descreve. O apelo ao consumo em um momento presente, sem precisar adiar desejos, seduz os consumidores atuais e também os jovens que vivem a experiência de terem renda própria há pouco tempo.

No caso de João, ele criou um crédito especial para sua irmã, mesmo sem a documentação necessária, oportunizando um parcelamento para uma compra dela. Ele comprou para a sua irmã um aparelho de celular, pois tinha o dinheiro para pagá-lo à vista, e ela comprometeu-se em devolver esse valor, em oito parcelas mensais. João, além de garantir a compra para sua irmã, relatou que também já comprou parcelado algumas vezes, com a ajuda de sua madrasta e de seu pai. Nessas situações de empréstimos, não havia cobrança de juros.

Manuella relata outra forma de crédito.

	<b>Manuella</b>
No meu nome fazia assim, de boca mesmo, na confiança.	
Contas com loja de roupas, maquiagem, compras feitas em revistas, perfumes.	

Essas compras realizadas por Manuella são possíveis no comércio do seu bairro, em lojas e com pessoas conhecidas de sua vizinhança. Assim, a rede solidária também possibilita créditos na aquisição de determinados produtos com pessoas que não pertencem às famílias dos jovens.

O pagamento das parcelas das compras realizadas por meio desse tipo de crédito acompanhou os jovens em todos os meses em que trabalharam. Quando terminaram os seus contratos nas empresas e receberam o valor previsto em lei das rescisões trabalhistas<sup>32</sup>, o primeiro destino dessa renda foi quitar as parcelas assumidas para os próximos meses. Todos os participantes fizeram como Ana, autora de parte do título deste bloco, que indicou pagar integralmente suas dívidas.

<sup>32</sup> Ao encerrar a experiência de trabalho formal, eles receberam férias, décimo terceiro proporcionais e retiraram o fundo de garantia, direitos previstos por decreto federal na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

Segundo Cassia D'Aquino (2008, p. 130-131), “do ponto de vista educacional, nada recomenda o uso de cartões de crédito antes da vida adulta”. Gustavo Cerbasi (2006) também se posiciona em relação ao uso do crédito por jovens, afirmando que muitos adultos acabam sofrendo as consequências diversos erros graves ao utilizar os seus serviços bancários de créditos e perdem boa parte dos recursos financeiros. O autor desaconselha que o crédito tenha seu uso estimulado. Ele orienta que os pais eduquem seus filhos de forma a apresentarem “motivos suficientes para que eles rejeitem a possibilidade de pedir dinheiro” (idem, p. 112). O site do Banco Bradesco<sup>33</sup> também traz orientações nessa direção. O site divulga uma lista de dicas orientando como ter um crédito responsável, e o segundo item chama-se “amigos-amigos, negócios a parte”. A dica oferecida pelo Banco é de não solicitar empréstimos para amigos, pois “empréstimos [...] devem ser contratados com instituições financeiras regulamentadas” e “só elas podem oferecer segurança para quem empresta e para quem toma o empréstimo”. Ou seja, autores e instituições financeiras desaconselham o uso do crédito e de empréstimos. Mas os jovens, com a confiança de seus familiares e de estabelecimentos comerciais de suas vizinhanças, vivenciam uma experiência de um crédito diferente, baseados numa credibilidade que construíram.

Uma pesquisa realizada pelo Serviço de Proteção ao Crédito Brasil (SPC)<sup>34</sup> estudou o perfil de brasileiros que ficaram inadimplentes por decorrência de emprestar seu nome para outros clientes realizarem compras na função de crédito. Apenas 39% desses consumidores sabiam os valores das compras que foram realizados em seu nome e 48% não garantem que pagarão essa dívida, por considerarem que não têm responsabilidade sobre ela. Esse fato explicita a noção de responsabilidade, justificável pela confiança desse cliente que emprestou o nome a outra pessoa, e seu senso de justiça ao afirmar que não teria responsabilidade diante dessa dívida. Os adultos, que oportunizaram aos Aprendizes a realização de compras com o crédito solidário, não viveram a situação de terem seus nomes cadastrados como inadimplentes. Todos os jovens pagaram suas dívidas.

Nesse sentido, as práticas de compras a crédito não geraram prejuízos, nem para os jovens que adquiriram os produtos que necessitam, nem para quem assumiu a responsabilidade de pagamento, tampouco para o comércio. Esse fato evidencia uma

---

<sup>33</sup> O Banco Bradesco foi fundado em 1943. A reportagem citada está disponível em <<http://www.bradesco.com.br/html/classic/educacao-financeira/produtos-financeiros/credito-emprestimos-e-financiamentos/dicas-para-um-credito-responsavel.shtm>>. Acessada em 04/06/2015.

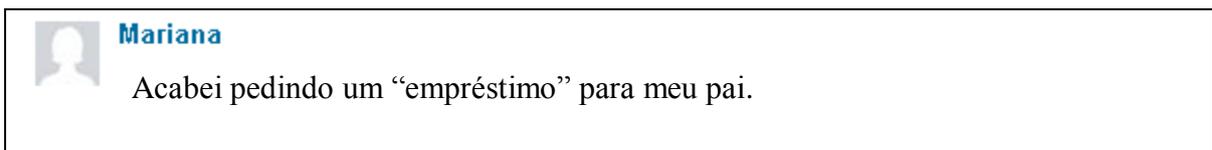
<sup>34</sup> O SPC Brasil é o sistema de informação das Câmaras de Dirigentes Logistas (CDL), sendo um banco de dados de informações relativas ao crédito, cadastrando consumidores físicos e jurídicos inadimplentes, visando auxiliar na tomada de decisão de empresas ao liberar ou não crédito para seus clientes. Maiores informações em <<https://www.spcbrasil.org.br/>> .

aprendizagem financeira vivenciada que se afasta dos conselhos de manuais como os citados acima.

O Banco do Brasil<sup>35</sup> também oferece em seu site materiais de educação financeira. Nesses materiais, há uma cartilha chamada “Saúde Financeira não tem Preço!”, disponível *online*, que apresenta o tema crédito de maneira diferente. Segundo essa cartilha, “empréstimos podem ser concedidos por bancos, financeiras, ou até por amigos e familiares”, portanto considerando que os empréstimos entre amigos são também adequados.

O primeiro pagamento dos jovens após receberem o salário era saldar a dívida contraída, pagando a parcela de suas contas. Esse pagamento contribuía para que o salário deles terminasse em um curto espaço de tempo. Por outro lado, permitia que comprassem produtos com preços altos.

Quando o salário terminava, muito viveram o dilema de querer comprar dois produtos ou serviços e só ter dinheiro para um deles. Mariana resolvia a situação da seguinte forma:



Ou seja, Mariana recorreu ao seu responsável, mas, para expressar isso utilizou o termo empréstimo e entre aspas. Pedir dinheiro aos pais e pedir empréstimo têm basicamente uma diferença: se pagarão ou não esse valor. Mariana utilizou aspas no termo, indicando que na verdade não pagaria ao pai o valor que ele lhe deu.

Ana, João e Vitória decidiam por priorizar a compra de um dos itens. Ana relatou querer duas roupas e acabou ficando com uma, a que mais gostou. João, definia o que era prioritário no momento e deixava o restante para ser comprado no mês seguinte. Vitória costumava decidir o que era necessário e mais importante. Jack usou outra estratégia. Não abriu mão de nenhum dos produtos que queria e foi procurar em outras lojas onde poderia adquirir os dois itens com a mesma quantia de dinheiro que tinha. Manuella negociava com sua mãe, pedindo um dos itens de presente e comprando o outro.

Quando queriam comprar algo que realmente não seria possível, todos indicaram que primeiro se sentiam incomodados ou frustrados. Após o incômodo e a frustração passar, agiam. João conformava-se, escrevendo:

<sup>35</sup> O link do site é <<http://www.bb.com.br/docs/pub/inst/dwn/EducacaoFinanceira.pdf>> Acessado em 04/06/2015.

**João**

Sinto-me meio frustrado [quando quero comprar algo e não tenho mais dinheiro], mas nada que minha paciência não resolva.

Manuella relata:

**Manuella**

Sentia-me mal por ter que pedir pros meus pais, mas se fosse [de] muita necessidade eu acabava pedindo.

Ela sabia que poderia contar com esse apoio, dependendo da necessidade.

Ao refletir sobre as emoções desses dois jovens, lembro-me do artigo de Caroline Buaes (2015), que analisa uma prática sobre o consumo de idosos de classes populares. A autora examina a conexão da emoção com a aprendizagem, afirmando que a emoção é necessária para a construção do conhecimento, movimentando esse processo. Na fala dos jovens Aprendizes, as emoções vinculadas as suas frustrações, sentem as doses associadas aos significados atribuídos por cada jovem à experiência vivida, ou seja, aos aprendizados produzidos por eles nessa situação. O rapaz explica que a paciência resolve o problema, podendo esperar, já a moça tem seu sentimento atrelado ao significado de precisar depender dos pais para concretizar esse desejo, sem cogitar abrir mão da compra de um dos produtos ou serviços desejados.

Manuella contou que ao terminar o contrato de trabalho, quando recebeu os valores da sua rescisão, refletiu sobre o que faria com o dinheiro extra:

**Manuella**

No começo, eu fiz planos de pagar todas as minhas contas e o que sobrasse guardaria para fazer um curso que queria, mas, no final, acabei pagando tudo e me sobrou quase nada... Então voltei a ser dependente dos meus pais.

Ela queria ter feito o curso, mas o total das contas que tinha assumido e que foram quitadas quando ela recebeu esse valor extra de salário, foi superior ao que imaginava. Essa situação impediu-a de realizar o curso.

O que os manuais de Educação Financeira recomendam para evitar o crédito é guardar dinheiro e realizar a compra quando tiver o dinheiro suficiente. Essa prática alternativa ao crédito, além de implicar subordinar o desejo imediato de ter o produto, implica também a disciplina de guardar dinheiro. Esse movimento de guardar dinheiro é considerado tão importante quanto difícil de ser posto em prática.

Os jovens Aprendizizes, enquanto não abandonaram a prática de guardar apesar de demandas imediatas, guardaram uma quantia durante um curto espaço de tempo para pagar uma conta ou para sair com amigos. Manuella conta que tentou por duas vezes guardar dinheiro para fazer um curso. Vitória começou o Programa de Aprendizagem, depositando dinheiro na caderneta de poupança. Porém, ambas as jovens desistiram depois de um tempo.

Quando perguntei sobre qual dica consideravam importante falar para quem estivesse começando o Programa de Aprendizagem, o “guardar dinheiro” apareceu. Veja as frases abaixo:

 **Manuella**  
[aconselho] Que saibam usar e aplicar o seu dinheiro com consciência e visando os benefícios lá na frente, para não se arrependerem.

 **João**  
[recomendo que] Cuidassem bem onde e como iriam gastar seu dinheiro, e que não deveriam gastar o dinheiro com bobagem e sim em algo produtivo.

 **Jack**  
[recomendo] Que saibam manter o salário e não gastem muito.

 **Ana**  
Sempre que for comprar algo, pensar na frequência que você vai usar aquilo e na necessidade [...], nunca compre algo por impulso e sempre pesquise bem os preços.

 **Mariana**  
Poupar, não agir por impulso, pois não sabemos o que pode acontecer amanhã. Comprar o necessário.

 **Vitória**  
Gastar consciente, pesquisar sempre antes de gastar e ver bem o que se precisa e não comprar por impulso.

São dicas expressas em frases relativamente curtas, mas há semelhança nos termos. Isso é um indicador bem marcante das orientações financeiras que circulam na cultura contemporânea e nos ambientes sociais onde os jovens Aprendizizes transitam. Nota-se que, apesar de aconselhar a poupar, os jovens Aprendizizes não conseguem colocar em prática esse

conselho. Como Helena Oliveira (2009, p. 21) apresenta em sua tese de doutorado, em meio a um contexto contemporâneo de exortação ao gasto, “intensifica-se o cuidado em educar crianças para que se tornem pessoas adultas responsáveis na gestão de suas finanças” e, portanto, poupadoras. Observo que os jovens Aprendizes, mesmo inseridos em uma sociedade que vive a cultura de consumo, repetem e tornam-se porta-vozes de orientações de boas práticas financeiras, tais como: a economia de dinheiro, preocupação com o futuro, atenção para gastar moderadamente e resistência aos impulsos consumistas. Essas práticas estão presentes nas falas, como aprendizagens construídas ou em processo de construção, mas ainda não estão nos relatos de suas ações. Esse fato mostra como reconhecem o movimento de guardar dinheiro importante e desafiador.

Mariana foi a única que relatou uma organização financeira, afirmando que organizava os gastos do mês seguinte, programando como seu dinheiro seria utilizado.



**Mariana**

Planejava antecipadamente, pensava em todas as festas que teriam, fazia planos com as amigas, pensava nas roupas que precisava e também nos empréstimos que precisaria haha [risadas]

Ela planeja gastos, como a ida a festas, além de considerar as contas já assumidas que têm parcelas fixas definidas. O diferencial desse planejamento é a inclusão já prévia de quanto pedirá ao pai, ou seja, Mariana já tem previsão de que a renda própria poderá financiar apenas determinadas atividades.

#### 3.4 COMO OS RESPONSÁVEIS PASSARAM A VER SEUS FILHOS E COMO ESTES PASSARAM A SER RESPONSÁVEIS

Ter renda própria em forma de salário, para os jovens Aprendizes, significou começar a tomar decisões, tarefa antes exclusiva dos pais, de como empregar esse dinheiro, utilizando as recomendações aprendidas até então, principalmente, as aprendidas no ambiente familiar, com seus responsáveis. Antes de ter renda os adolescentes já compravam diversos produtos e serviços, porém, com o dinheiro de seus pais. Por consequência, tinham menor poder de decisão relativo a essas compras já que tinham que pedir o dinheiro, explicando os motivos dessa requisição.

A maioria dos entrevistados nunca recebeu mesada. Um deles recebeu por uns três meses um pouco antes de começar a trabalhar, quando ela foi suspensa por não ser mais necessária, e outro recebia mesada regularmente dos pais. Nesses dois casos, os jovens

recebiam a mesada e poderiam decidir o que fazer com ela. Mariana, que ganhou mesada por mais tempo, contou que precisava explicar aos pais onde gastava seu dinheiro apenas quando ele não era suficiente para alguma compra que precisava, tendo que justificar esse pedido de dinheiro excedente.

Assim, pais e mães deixaram de perguntar em que tinham gasto seus salários quando os jovens começaram a trabalhar. Ou seja, ao serem contratados, não tiveram mais necessidade de justificar seus gastos para os adultos responsáveis por eles. Essa foi uma mudança importante nas relações familiares. Apesar disso, Ana sempre comunicava aos pais onde tinha gasto, por considerar importante dividir essa informação com eles. Ela explicou:

 **Ana**  
Meus pais [...] sempre me mostraram como eu devia gastar meu dinheiro e no quê.

Assim, o motivo para Ana relatar a seus pais em que tinha gasto seu salário era para mostrar a eles que estava sabendo utilizar o dinheiro e que estava seguindo os ensinamentos deles. Manuella teve uma atitude parecida, e explica:

 **Manuella**  
Meus pais confiavam em mim, por isso não me pediam muita satisfação de como eu gastava, mas eu sempre falava como estava gastando.

Compreendo que Manuella mostra que a opinião dos pais era importante para ela e que gostava de contar o que estava fazendo com seus salários. Ela também disse:

 **Manuella**  
Eu me senti muito bem [trabalhando]! Aprendi que ser independente é muito bom, e que ser trabalhador é ser uma pessoa responsável, dedicada e comprometida.

Mesmo explicando aos pais onde gastava seu dinheiro, isso não fez Manuella sentir-se dependente ou menos livre para fazer as escolhas que fazia com o salário.

Essa confiança que os pais depositavam na Manuella e na Ana também foi percebida por João. Ele conta como a opinião do seu pai sobre colocar alargadores<sup>36</sup> mudou quando ele começou a trabalhar:

<sup>36</sup> Alargadores são adornos circulares colocados nas orelhas. Os lóbulos das orelhas são furados, de maneira similar ao procedimento de colocar um brinco pela primeira vez, porém os alargadores são colocados nesses furos das orelhas para ampliar o diâmetro deles. O menor alargador tem diâmetro de dois milímetros, e existem outros, maiores, de tamanhos variados.



### João

Eu não trabalhava e queria muito botar alargadores, não por influência de moda da época e sim porque sempre achei bonito, porém meus pais não deixaram e nem me deram o dinheiro pra eu ir furar a orelha. Quando comecei a ganhar meu dinheiro eu tive autorização porque meu pai confiava nas minhas decisões.

A partir do momento em que se tornou trabalhador, o jovem sentiu que seu pai passou a confiar mais em suas escolhas e mudou sua postura em relação ao que João poderia ou não fazer. Essa mudança retrata o que as pesquisadoras Souza, Frozzi e Bardagi (2013) também verificaram em sua pesquisa com jovens Aprendizes. Elas relataram em seu artigo que os jovens pesquisados por elas, ingressantes no mercado de trabalho através do Programa de Aprendizagem Comercial em Santa Catarina, desenvolveram “sentimento de responsabilidade, [...] aquisição de novos conhecimentos, capacidade de comunicação e desenvoltura pessoal aumentadas, bem como maior tolerância” (idem, p. 5). As autoras ressaltam o sentimento desses jovens ao se tornarem mais responsáveis, sendo isto percebido também pelos seus pais. Contribuindo com a percepção dessa mudança, Manuella disse:



### Manuella

Emprestei [dinheiro] uma vez para minha mãe. Ela estava precisando e eu emprestei, mas em dois dias ela me devolve.

Observei que esse fato foi muito significativo para a jovem e que essa situação só foi possível de ocorrer após Manuella ter renda própria.

Quatro dos entrevistados passaram a colaborar com as despesas da família, assumindo a conta de água, por exemplo, ou dividindo com o restante dos trabalhadores da família, as contas da internet ou luz. É possível pensar que, até mesmo os que não assumiram contas da casa, contribuíram para que os gastos familiares diminuíssem, uma vez que passaram a comprar suas roupas. A percepção de que estavam amadurecendo e tornando-se mais responsáveis está clara nas respostas de vários deles. Mariana disse ter o sentimento de se tornar “adulta”. Vitória menciona liberdade, João teve suas expectativas superadas e Jack comenta o que aprendeu ao receber seus salários, todos fazendo referência à maturidade, responsabilidade e esforço, como segue.



### Vitória

[me senti mais] Madura já que administrava o meu dinheiro, pagava minhas contas e tinha mais liberdade.

**João**

Sentia-me responsável, [esta experiência] mudou-me, amadureceu-me, mais até do que imaginava.

**Jack**

[aprendi] Que o dinheiro some rápido [...] e caso se esforce, pode ser um dos melhores, e até ganhar uma promoção.

Mesmo os jovens sentindo-se mais responsáveis, os pedidos de dinheiro aos pais continuaram. No entanto, também houve mudança na compreensão deles quando recebiam uma resposta negativa a um pedido de dinheiro. Antes de serem contratados, quando os responsáveis diziam ‘não’ a um pedido de dinheiro, a primeira reação não era agradável, embora respeitassem o motivo alegado pelos pais.

A resposta abaixo, de Manuella, traduz essa reação comum a quase todos ao receber uma negativa dos pais a um pedido de dinheiro:

**Manuella**

Primeiro eu reclamava, depois ficava triste, mas no final entendia.

Mariana conta:

**Mariana**

Quando vemos o quanto é duro ganhar nosso próprio dinheiro, damos um pouco mais de valor para o nosso e também daqueles que estão em nosso redor.

[...]

É muito fácil gastar [dinheiro], mas para conquistar não é tão fácil como parece.

Vitória faz um depoimento parecido, dizendo:

**Vitória**

Aprendi a valorizar mais o meu dinheiro e dos meus pais.

Manuella também refletiu sobre isso quando contou:

**Manuella**

Sim, mudei em relação a gastar kkk [risadas] ficava com pena de gastar o dinheiro, mas então pensava: ‘como minha mãe gastava antes comigo da mesma maneira?’ Então dava mais valor pra isso.

Observo que esse processo de mudança de uma reação mais imatura a outra mais responsável está ocorrendo, evidenciando uma aprendizagem, uma reflexão.

Como essas frases indicam, começar a ter renda alterou a compreensão nos conceitos que os jovens tinham sobre o dinheiro até então. Eles passaram a ver seus pais com outros olhos, compreenderam que não é fácil receber o seu salário. Não só passaram a valorizar o dinheiro que recebiam, com esforço e dedicação, como aumentaram a admiração que tinham em relação a seus pais.

Em algumas situações os jovens tentavam argumentar para reverter a negativa a um pedido de dinheiro. João aceitava a negativa quando concordava que era algo desnecessário, mas insistia quando identificava que aquilo que desejava comprar tinha um motivo importante para ele, como conta no trecho:

 **João**  
Quando era algo que eu precisava consumir, ou era, vamos dizer, promissor, como aula de artes marciais ou de violão, sim, [eu] tentava de tudo pra fazer meus responsáveis ‘liberarem uma verba’. Porém, quando era algo fútil, não [insistia], porque não tinha argumentos.

Nesse caso, não foram sentimentos de raiva ou frustração que motivavam o jovem a seguir argumentando, mas, sim, a importância que ele atribuía à prática das artes marciais ou às aulas de violão. João também relatou que, depois de estar trabalhando, quando queria comprar algo e não podia, seja por não ter mais dinheiro, seja por não ganhar de seus pais, sentia-se frustrado, mas aceitava o fato. Assim, ele me respondeu, demonstrando maturidade, que sua paciência resolveria a impossibilidade de comprar o produto desejado, como já citado neste trabalho.

As frases de seus pais, relativas a dinheiro, que os jovens compartilharam comigo, traziam mensagens que já estavam internalizadas e incorporadas em suas práticas diárias. Vitória, por exemplo, explica que:



**Vitória**

Meu pai sempre foi mais do “vai ganhar o que precisar, não o que quer”  
[...]

No caso, quando eu saía em algum lugar e via uma blusa muito linda na vitrine, se eu pedisse pra o meu pai, provavelmente [a resposta] seria não, pois era algo que eu já tinha várias e iria comprar mais uma só porque era linda. Agora, se eu estivesse precisando de uma calça, e ele realmente [está] vendo que eu preciso, ele me dava dinheiro pra comprar.

Já minha mãe, tudo, ela dava um jeito de comprar pra mim. Só [não comprava] mesmo quando não tinha condições.

Pra sair com os amigos, eu nunca pedia dinheiro pra ele [pai], porque ele não daria, e sim pedia para a mãe, que é mais "mão aberta".

Em relação aos estudos, o pai sempre foi mais e mais analista. Ele via se realmente tinha necessidade e se eu queria MESMO ou [se] era o famoso "fogo de palha". Mas, se realmente fosse algo bom, ele pagava.

Mais adiante em nossa conversa, Vitória deu uma dica para quem está começando a ganhar seus primeiros salários, dizendo que achava ideal:



**Vitória**

Gastar consciente, pesquisar sempre antes de gastar, ver bem o que se precisa, e não comprar por impulso.

O cuidado ao fazer as compras, selecionando e pesquisando aspectos que aprendeu com o seu pai, é que ela escolhe como dicas para dar a outras pessoas. Ela sabia e compreendia como seu pai pensava, e avaliava se era realmente necessário para ela adquirir o artigo pelo qual tinha desejo. Caso avaliasse como desnecessário, mas ainda assim desejando muito e sabendo da resposta de seu pai, mudava de estratégia, pedindo de presente para a sua mãe.

João conta:



**João**

Às vezes ganhava dinheiro por mérito a algo que eu tinha feito, por ajudar a família ou [ajudar] no trabalho do meu pai, ou até mesmo quando eu precisava de dinheiro pra escola, pra data de aniversário ou [data] comemorativa.

O pai do João também avaliava quando poderia dar o dinheiro solicitado ao seu filho, porém, utilizava outros critérios para decidir. Além da necessidade de alguma compra, ele se propunha a dar dinheiro ao filho como um prêmio. A dica que João deu ao final da nossa conversa foi:



**João**

Para que cuidassem bem onde e como iriam gastar seu dinheiro e que não deveriam gastar o dinheiro com bobagens, e sim em algo produtivo.

Ana foi orientada pelos seus pais a não gastar em coisas fúteis, mas não soube me informar o que seu pai considerava ‘coisas fúteis’. Assim, ela complementa, sem conseguir apresentar uma dica sobre como gastar dinheiro, pedido que fiz a todos.



**Ana**

Acho que por eu ser filha única, eu acabei ganhando de um jeito ou de outro, tudo o que eu queria, talvez não na hora que eu queria, porque às vezes não tinham dinheiro, mas assim que podiam, me davam o que eu escolhia.

Ainda sobre como se viam após essa experiência de ter seus primeiros salários, perguntei nos bate papos *online* sobre o que aprenderam que não esperavam que fosse da maneira que descobriram ser ao se tornarem trabalhadores. Todas as respostas tratavam sobre como é fácil gastar o dinheiro e como é difícil controlar as compras.

O mercado de trabalho era desconhecido pelos jovens, porém, tinham contato com adultos trabalhadores e sabiam que o comportamento dentro das empresas era diferente do que ocorria nas escolas e ambientes que frequentavam. Inclusive, suas reações ao descobrirem que conseguiram o emprego de Aprendiz, no começo do Programa, foram descritas com sentimentos de alegria, expectativa de como seria começar, bem como ansiedade. A ansiedade que relataram sentir era o resultado da espera por essa novidade que é trabalhar e ter renda própria. O novo ambiente que começariam a frequentar era de trabalho, possuía algumas regras desconhecidas por eles, como algumas normas de comportamento, regras sobre o pagamento do salário e os direitos e deveres relativos a essa posição social. Eles já esperavam pelos aprendizados comportamentais de serem trabalhadores. Portanto, esperavam desenvolver maturidade adaptando-se ao novo espaço profissional. Contudo, o valor atribuído por eles ao dinheiro depois dessa vivência foi surpreendente, pois não imaginavam que passariam por tantas mudanças conceituais em relação à renda após serem trabalhadores. João afirma que:



**João**

Depois de ter um salário, [...] o dinheiro, se tu não souberes administrar, vai muito rápido e não importa a quantidade. Pode ser 1 milhão. Se a pessoa não administra direito em 1 mês vai tudo. kkk [risadas]. E percebi como tem imposto em cima das coisas que compramos e é [um] absurdo.

Ele mudou o valor que atribuía ao dinheiro. Considerou que, sem controle, é fácil gastar demais, e também não atribuiu essa consequência à quantidade de dinheiro que recebia. Ele considerou que, independentemente da quantidade, sem controle, é possível gastar demais e perder o dinheiro muito rapidamente. A visão de quanto imposto se paga em cada produto e em cada serviço consumido também foi destacada, mostrando um conhecimento econômico. Mariana também reflete sobre sua experiência indicando não saber como o salário se esgotara rapidamente.

	<b>Mariana</b>
[não sabia] Que era tão difícil esperar em torno de 30 dias para receber e em 10 dias já acabar [o dinheiro].	

Quatro jovens afirmaram ter utilizado conteúdos que aprenderam na escola ou no Senac sobre modos de gastar dinheiro. Citaram conhecimentos sobre os descontos de compras à vista e a possibilidade de planejar o futuro com seu dinheiro.

Para encerrar este bloco, faço uma conexão com a informação do bloco anterior, de que os salários dos jovens não duravam um mês inteiro. O fato de um jovem Aprendiz ver seu salário terminar bem antes do final do mês, tendo um contexto familiar que ainda o apoia, ou seja, tendo sua alimentação, seus estudos e seu lazer garantidos e sob os cuidados de seus responsáveis, não vai lhe trazer graves prejuízos financeiros. Talvez seja esse o ambiente, a idade e o momento favoráveis para essas aprendizagens que os jovens mencionaram. Em outras palavras, ficar sem dinheiro no contexto familiar deles não se caracteriza como um problema, pois as contribuições que eles faziam para o orçamento familiar eram realizadas no começo do mês, e o restante era custeado por seus responsáveis. Sendo assim, essa é a fase da vida em que gastar o salário todo em dois dias pode ser um aprendizado muito significativo. Eles sentiam algumas limitações relativas ao que queriam consumir, sem que as consequências fossem drásticas, pois o básico para sua sobrevivência era garantido pelos pais, além de algumas saídas com amigos asseguradas pela rede solidária que estava estabelecida entre eles. Eles estão aprendendo duplamente: aprendendo a se inserirem num espaço profissional adulto e aprendendo a se organizarem financeiramente, sem riscos de se endividarem, pois não têm acesso a grandes quantias de dinheiro e nem a instituições financeiras, por serem menores de idade.

A aprendizagem financeira desses jovens, nessa situação, abrange vários aspectos. Um aspecto são os movimentos e ações solidárias de emprestar e de ser retribuído; de pedir emprestado e ter o compromisso de devolver, de pagar; de contribuir com as despesas da família, mesmo faltando dinheiro depois; e de alterar os modos de realizar suas compras.

Outro aspecto das aprendizagens é o de ordem trabalhista, aprendendo quais descontos são imputados aos salários, quais impostos estão embutidos nos produtos e serviços e quais direitos e deveres têm os trabalhadores. Também há as aprendizagens num âmbito comercial: como realizar boas compras, sem desperdício, como proceder para pagamentos em várias prestações, como organizar-se para honrar esses compromissos financeiros e quais os benefícios de manter boas relações financeiras entre familiares e entre amigos, antes de estabelecer tais relações com instituições financeiras.

Considero o que Cerbasi (2006) escreveu em seu livro, *Filhos Inteligentes Enriquecem Sozinhos*, que muitos adultos aprendem a trabalhar com crédito somente após perderem muito dinheiro nesse processo, e reflito se essa não seria a melhor fase para ter essa experiência de maneira mais amena. O jovem comprou no crédito, pagou suas contas assim que recebeu, e em dois dias o dinheiro acabou; ele então pode aprender como é seguir sem dinheiro próprio pelos outros vinte e oito dias, e, no futuro, repensar sobre essa experiência e decidir o que é melhor para ele.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomo a pergunta orientadora deste estudo:

Quais aprendizagens financeiras são produzidas quando jovens de 15 a 17 anos são contratados como Aprendizes, vivenciando sua primeira experiência de decidir o uso de seus primeiros salários?

Considerando as preferências de compras relatadas, os produtos mais comprados por esses jovens foram: roupas, telefones celulares, alimentos consumidos na praça de alimentação, cinema e livros. Ao terem renda consumiam prioritariamente produtos e serviços ligados ao lazer. Sendo assim, reconheciam o valor de realizar essas atividades e conseguiam praticar essa decisão.

Os entrevistados reconheciam a importância de economizar dinheiro, mas não conseguiam concretizar essa intenção. Como eles afirmavam considerar ser importante guardar dinheiro, a dificuldade de conseguir isso não se justificava pela falta de conhecimento, pois os discursos incentivadores de economias não só chegavam até eles, como eram apropriados e repetidos em suas falas. Porém, nenhum deles descreveu como fazia, ou faria, para economizar. Os que começaram a economizar acabaram desistindo. Outras demandas eram priorizadas e a economia foi abandonada.

Apesar deles não utilizarem cartões de crédito, conseguiam realizar compras e pagar em várias parcelas, sendo acompanhados por familiares adultos que realizavam a compra a prazo em seus nomes. Nenhum deles deixou de arcar com as responsabilidades financeiras assumidas ao realizar compras parceladas, pagando suas contas sempre em dia. O site do jornal Zero Hora<sup>37</sup> publicou resultados de pesquisa do Sistema de Proteção ao Crédito (SPC), informando que 40% dos jovens com idade entre dezesseis e vinte anos estão inadimplentes no Rio Grande do Sul. Não é o caso dos jovens deste estudo. Eles não contraíram dívidas oficialmente no comércio e, pelos relatos, os jovens Aprendizes pagavam as dívidas assumidas com seus familiares.

Apesar de arcar com suas responsabilidades, eles não realizavam, em sua maioria, planejamento financeiro. Esse comportamento não gerou problemas, pois conseguiam pagar suas dívidas. Pensando no futuro desses jovens, se eles repetirem esse comportamento, tendo a responsabilidade de se sustentarem sozinhos, então, sim, essa falta de planejamento

---

<sup>37</sup> O link da reportagem é <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2015/05/expansao-da-inadimplencia-gaucha-e-menor-do-que-a-media-brasileira-4758274.html>>, publicada em 11 de maio de 2015 e acessada em 11 de junho de 2015.

financeiro pode gerar alguns problemas. Considerando a idade dos entrevistados e suas situações de vida atuais, o planejamento financeiro pode ser dispensado. Não houve necessidade de controlar o dinheiro, pois contavam com a segurança que os responsáveis proporcionavam e redes de amigos que auxiliavam quando necessário.

A mudança reconhecida por eles em relação ao valor do dinheiro é a aprendizagem mais evidente entre as falas. Eles perceberam que trabalhar para receber o seu salário não é tão fácil quanto parecia ser, quando o único dinheiro de que dispunham era o que recebiam dos seus responsáveis. Eles demonstraram reconhecimento e gratidão por tudo o que os pais proporcionam a eles e compreendiam a complexidade de lidar com uma renda própria. As aprendizagens não ficam limitadas às questões financeiras. São muito mais abrangentes, pois alteraram inclusive o relacionamento que os jovens tinham com seus pais. Quando se colocaram na posição de serem trabalhadores, tiveram outras perspectivas de como é sustentar uma família.

O senso de responsabilidade, causado pelo fato de terem renda e se relacionarem socialmente no mercado de trabalho, motivou atitudes mais maduras por parte dos jovens Aprendizes. Os reconhecimentos expressos por seus pais os deixavam orgulhosos e incentivados a seguir amadurecendo. Aprenderam que quando assumem responsabilidades, como contribuir com o orçamento familiar, passam a ser reconhecidos como sujeitos com maior capacidade de decidir sobre aspectos que antes cabiam somente aos pais, como colocar alargadores ou não. O amadurecimento foi acelerado devido à experiência de trabalho.

Eles contavam que se sentiam frustrados ou incomodados quando queriam comprar algo e já não tinham mais dinheiro. Alguns resolviam tudo, comprando e optando pela forma de pagamento no crédito, ou, em último caso, compravam no mês seguinte. Aprenderam que o crédito permite comprar hoje com o dinheiro que só receberá amanhã. A percepção dos jovens foi de que utilizaram muito pouco do que aprenderam tanto na escola regular, quanto na instituição profissionalizante.

Percebo a importância da Lei da Aprendizagem, que contribuiu com o amadurecimento desses jovens, oportunizando a experiência de trabalhar. Como eles não precisavam do dinheiro para se sustentar, percebi, assim, que as necessidades que um adulto tem de controle da sua renda são diferentes das necessidades que esses jovens sentem. Algumas aprendizagens só foram possíveis pela experiência com a prática de ter que trabalhar para receber salário, o que era diferente de pedir para os pais e ganhar. Considerei a experiência que eles viveram rica em aprendizagens e muito positiva ao que se propôs. O espaço do mercado de trabalho foi aberto a eles, que se tornaram mais aptos para futuras

posições de trabalho, o que é importante para o funcionamento da sociedade atual e favorável para o jovem que será mais qualificado profissionalmente.

A escola trabalha diversas questões sobre o mercado de trabalho no final do Ensino Fundamental, de acordo com o PCN (BRASIL, 1998). No entanto praticamente não aborda esse tema no Ensino Médio (BRASIL, 2000; BRASIL 2002). E é mais provável que os jovens do Ensino Médio estejam trabalhando, por serem mais velhos. A escola demonstra olhar para o futuro desse jovem, e parece desconsiderar seu presente quando não retoma os conceitos no Ensino Médio. É uma questão importante a ser considerada.

Já nas instituições de ensino profissionalizantes, todos os participantes de Programas de Aprendizagens estão inseridos no mercado de trabalho. Reflexões, discussões e exercício práticos podem contribuir para as aprendizagens geradas na experiência de ter essa nova renda.

Por esses motivos, continuo considerando promissor o papel do ensino profissionalizante no processo de aprendizagem desses jovens. Os Programas de Aprendizagens são tão importantes para o país quanto para os jovens que participam deles, e, por isso, as instituições profissionalizantes poderiam investir em desenvolver nos seus empregados competências financeiras, não apenas em suas atividades profissionais, como também em suas vidas pessoais, porque eles lidam com suas finanças com menos prejuízos e mais conhecimentos.

O estudo realizado responde a pergunta orientadora e provocou várias outras em minhas reflexões. Sobre as instituições profissionalizantes, pergunto-me:

(1) Quais implicações sociais e econômicas podem ser geradas com um ensino de Educação Financeira <sup>38</sup>, pelas instituições de ensino profissionalizante, aos novos trabalhadores? (2) De que forma as aprendizagens financeiras desses jovens trabalhadores poderiam ser ampliadas ou qualificadas pelas instituições de ensino? (3) Como o ensino profissionalizante poderia ter diretrizes mais claras de ensino, oportunizando o debate sobre seu papel social e repensando posicionamentos? (4) Essas instituições se preocupam com esse contexto, ou este foge de seus fins empresariais? (5) Que profissionais dão aulas de Matemática Financeira nas instituições de ensino profissionalizantes?

Penso no ensino desenvolvido em nossas escolas públicas e questiono:

---

<sup>38</sup> A instituição de ensino que qualificou os jovens profissionalmente tem em sua grade curricular o ensino de Matemática Financeira. Foram ensinados conceitos de juros, inflação, razão e proporção com o objetivo de torná-los aptos a realizar contas sobre situações financeiras no trabalho. Educação Financeira não se resume à matemática somente, mas pode ser trabalhada de maneira conjunta com os conteúdos de Matemática Financeira.

(1) Como articular o ensino de Matemática Financeira com Educação Financeira? (2) Uma faz sentido sem a outra? (3) Os professores de matemática reconhecem importância nessa possível articulação? (4) Que outros profissionais de educação poderiam trabalhar esse tema? (5) A matemática nas escolas quer formar que tipo de pessoas?

Observo os jovens e reflito:

(1) Em que idade os jovens começam a se endividar e a fazer parte das estatísticas de inadimplência? (2) Em algum momento os jovens percebem a necessidade de fazer seus salários durarem mais do que quinze dias? (3) Quais são os jovens que conseguem guardar dinheiro? (4) Por que os meninos relatam comprar presentes para as namoradas e o contrário não ocorre?

Por não saber responder essas perguntas no começo do trabalho, sentia-me inquieta e angustiada. Hoje, elas provocam em mim interesse e curiosidade, sem prejuízos emocionais. Iniciei um trabalho com hipóteses sobre o que era importante e termino o trabalho percebendo que, antes de supor ideias e padrões, preciso conhecer melhor como são as situações e as pessoas em que tenho contato no meu trabalho. O exercício de conhecer sem julgar, tentando compreender os pensamentos e as ações descritos pelos jovens, foi surpreendente e muito positivo. Enquanto os jovens contavam como amadureceram com seus primeiros salários, eu percebia o quanto amadurecia aprendendo com eles.

Termino este trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Matemática percebendo que, apesar de precisar de poucos axiomas para provar algumas hipóteses matemáticas, preciso de muito mais informações para começar a formular qualquer hipótese sobre os sujeitos a que conviverei ao longo de minha carreira como professora. Investigar e estudar a educação, exigiu-me respeitar as diferentes maneiras de pensar, e conhecê-las foi fundamental para que eu possa desempenhar futuramente meu papel de professora com maior qualidade.

## 5. REFERÊNCIAS

BAUES, Caroline Stumpf. **Educação Financeira com Idosos em um Contexto Popular**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p 105-127, jan/mar. 2015. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade)>. Acessado em: 01, maio de 2015.

BAUMAN, Zygmunt – **Vida para Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. **Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010a.

\_\_\_\_\_. **Vida a Crédito: conversas com Citlani Roviroso-Madrado**. Tradução: Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2010b.

BITELLO, Luciane Amália. **Análise da Contribuição do Programa de Aprendizagem Profissional do Senac Canoas/RS para a Inserção do Jovem no Mercado de Trabalho a partir do Desenvolvimento de Competências Profissionais**. Canoas, Unilasalle, 2013. p. 26 – 30. Dissertação (Mestrado em Educação), Centro Universitário La Salle, Canoas, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2000.

\_\_\_\_\_. **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio**. Ciências da natureza, matemática e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática**. Brasil, MEC/SEF, 1998.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Tradução Maurício Santana Dias. 7ª edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

CERBASI, Gustavo. **Filhos Inteligentes Enriquecem Sozinhos: como preparar seus filhos para lidar com o dinheiro**. São Paulo: Editora Gente, 2006.

\_\_\_\_\_. **Casais Inteligentes Enriquecem Juntos – finanças para casais**. São Paulo: Editora Gente, 2013.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. **Estudos Culturais, Educação e Pedagogia**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n° 23, p. 36-61, Maio/Ago. 2003. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782003000200004&script=sci\\_abstract](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782003000200004&script=sci_abstract)>. Acesso em: 12 abril, 2015.

D'AQUINO, Cássia. **Educação Financeira: como educar seu filho**. Coleção ExpoMoney. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

DUROZOI, Gérard; ROUSSEL, André. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Marina Appenzeler. 5ª Edição. Campinas; Papyrus, 2005.

FLICK, Uwe. **Introdução à Metodologia de Pesquisa: um guia para iniciantes**. Tradução: Magda Lopes. – Dados eletrônicos – Porto Alegre: Penso, 2012.

GIBBS, Graham. **Análise de Dados Qualitativos**. Tradução de Artmed Editora S.A. Porto Alegre, Artmed Editora S.A, 2009.

MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo. **Um rigor outro sobre a Qualidade na Pesquisa Qualitativa: educação e ciências humanas [online]**. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em <<http://books.scielo.org>>.

NASCIMENTO, Angelita Bulcão. **Comida: prazeres, gozos e transgressões**. 2ª Ed. Salvador: EDUFBA, 2007. Disponível em <<http://static.scielo.org/scielobooks/35m/pdf/nascimento-9788523209070.pdf>> Acesso em: 01 de maio, 2015.

OLIVEIRA, Helena Dória Lucas. **Entre Mesadas, Cofres e Práticas Matemáticas Escolares: a constituição de pedagogias financeiras para a infância**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

ROCHA, Ricardo; VERGILI, Rodney. **Esticando a Mesada: como fazer mais com sua grana**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

SILVA, Jeane Félix da. **“Quer Teclar?”: Aprendizagens Sobre Juventudes e Sorositividades Através de Bate-Papos Virtuais**. Porto Alegre: UFRGS, 2012. 222 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Teoria Cultural e Educação – um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOUSA, Heloiza de; FROZZI, Denise; BARDAGI, Marucia Patta. **Percepção de Adolescentes Aprendizizes sobre a Experiência do Primeiro Emprego**. Psicologia: Ciência e Profissão. Brasília, v. 33, n. 4, p. 918-933, 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932013000400011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932013000400011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 01 maio, 2015.

TASCHNER, Gisela B.. **Lazer, Cultura e Consumo**. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 40, n. 4, p.38-47, Dez, 2000. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-75902000000400004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75902000000400004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 01 de junho, 2015.

## 6. APÊNDICES

### 6.1 APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este documento tem como objetivo solicitar autorização do responsável legal da<sup>39</sup> jovem \_\_\_\_\_ para que a mesma possa participar do estudo *Cultura de Consumo dos Jovens Concluintes do Programa de Aprendizagem Comercial*, que está sendo desenvolvido pela professora e estudante de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Caroline Antunes da Silva. Este estudo fará parte do Trabalho de Conclusão de Curso, requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Matemática.

O estudo busca conhecer as práticas de consumo dos jovens que participaram do Programa de Aprendizagem Comercial, quando viveram sua primeira experiência de trabalho formal e administraram seus primeiros salários. Como responsável pelo estudo e pesquisadora, farei perguntas sobre o assunto, através de mensagens privadas pela rede social *Facebook*, de forma *online*. Essa conversa estará disponível *online*, na caixa de entrada das mensagens dos participantes e da pesquisadora, não sendo divulgada ao público em geral com os nomes dos perfis das contas dos participantes.

A participação neste estudo não gerará nenhum gasto para a família da participante, nem para ela própria.

As informações obtidas serão analisadas e utilizadas apenas para este estudo. Os nomes verdadeiros dos participantes não serão mencionados em nenhuma apresentação oral, nem em trabalhos escritos referentes às investigações que venham a ser publicados.

A Professora e licencianda Caroline está sendo orientada pela Professora Helena Dória Lucas de Oliveira, professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (telefone (51) 3308-3423 e endereço de e-mail helenalucasdeoliveira@gmail.com).

Eu, \_\_\_\_\_, pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que conheço os objetivos e finalidades da pesquisa, bem como os procedimentos a que minha filha será submetida e autorizo a sua participação.

Qualquer informação sobre o trabalho realizado pode ser obtida em contato com a Professora Caroline, pelo telefone (51) 9734-1903 ou e-mail antunes.caroll12@gmail.com.

Assinatura da Pessoa Responsável

pela Participante da Pesquisa: \_\_\_\_\_

<sup>39</sup> Imprimi duas versões deste Termo, uma utilizando o gênero feminino e outra o gênero masculino.

Assinatura da Participante da Pesquisa: \_\_\_\_\_

Assinatura da Professora Pesquisadora: \_\_\_\_\_

Assinatura da Professora Orientadora: \_\_\_\_\_

Canoas, 01 de maio de 2015.

## 6.2 APÊNDICE B – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

### Bloco um – Conhecendo os entrevistados

- Qual é a sua idade?
- Quem mais trabalha na casa?
- Quantos cômodos tem sua casa?
- Você está trabalhando? Se sim, onde?
- Quanto era o seu salário no tempo em que foi Aprendiz?
- O que te motivou a aceitar o convite de participar desta pesquisa?
- Tem conta em banco? Cartão de crédito/débito? Utiliza? Tem alguma dúvida sobre os serviços do banco?
- O que você gosta de fazer no tempo livre?
- Vai ao shopping? O que mais faz lá (se for)?

### Bloco dois – Práticas de consumo antes de ter renda própria formal

- Você ganhava mesada dos teus responsáveis? E se sim, podia gastar no que quisesse ou tinha que explicar o que fazia com o dinheiro?
- Dentro das coisas que você comprava nessa época, tinha algo que não era escolhido por você?
- Quando você queria alguma coisa e quem poderia te dar não aceitava comprar, você utilizava alguma estratégia para conseguir consumir aquilo?
- Teve alguma vez que você pediu algo e ganhou de alguém o produto, mas não era bem o desejado? Se sim, conte como foi e o que você fez.
- Quem geralmente comprava as coisas para você nessa época?

### Bloco três – Práticas de Consumo após ter renda própria formal

- Conte como foi quando descobriu que tinha conseguido o primeiro emprego (o que sentiu, pensou, fez...).
- Chegou a pagar alguma conta da tua casa (para a família)?
- O teu salário costumava terminar antes do final do mês? Se sim, ficava tranquila(o) ou preocupada(o)? Fazia algo para se programar para o mês seguinte?
- Deixou de receber dinheiro dos teus pais nessa época?

- Precisava explicar onde gastava teu dinheiro para os teus responsáveis quanto teve renda própria?
- Você fez alguma conta parcelada nesse tempo? No teu nome ou alguém “tirou” (fez no nome de outra pessoa maior de idade) para você?
- Lembra-se de quais foram as primeiras coisas que você comprou com o seu primeiro salário?
- Como você se sente quando quer comprar algo e o salário já terminou?
- Viveu alguma situação onde tinha dinheiro para fazer uma coisa só, mas queria mais de uma? Como resolveu esse problema?
- Os teus amigos trabalhavam também? Você pagava algo para os teus amigos?
- Mudou a forma como você gastava comparando o primeiro salário e os últimos?
- Alguma vez você guardou dinheiro? Para quê? Como foi?
- Já emprestou dinheiro pra alguém?

#### Bloco quatro – Refletindo sobre essa experiência

- Você sabia que receberia um dinheiro a mais quando saísse da empresa (férias e décimo terceiro proporcional, por exemplo)? O que fez com esse dinheiro?
- Como você se sentiu trabalhando? E o que aprendeu sobre ser trabalhador?
- E alguma coisa que aprendeu na escola, ou no Senac, você usou na tua forma de comprar e pagar coisas?
- Você gastava conforme as coisas aconteciam ao longo do mês, ou planejava antecipadamente o caminho do seu salário? Caso planejasse, como fazia?
- Teve alguma coisa que você não fazia ideia de como era antes de ter salário, e percebe que aprendeu? Como foi esse aprendizado?
- Tem algum assunto sobre dinheiro que você acredita que seria importante saber, que ouviu falar, mas não entende muito?
- Que dica você daria para quem começou a receber salário pela primeira vez hoje?